

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VITOR HUGO LOPES PAESE

**O SENTIDO DE DEUS NA OBRA DE JACOB LEVY MORENO: UMA LEITURA DE
SEUS PRIMEIROS ESCRITOS**

CURITIBA

2011

VITOR HUGO LOPES PAESE

**O SENTIDO DE DEUS NA OBRA DE JACOB LEVY MORENO: UMA LEITURA DE
SEUS PRIMEIROS ESCRITOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia, Linha de Pesquisa em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda.

CURITIBA

2011

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenância – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Paese, Vitor Hugo Lopes

O sentido de Deus na obra de Jacob Levy Moreno: uma
leitura de seus primeiros escritos / Vitor Hugo Lopes Paese. –
Curitiba, 2011.

75 f.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Deus. 2. Moreno, Jacob Levy, 1892-1974. 3. Espontanei-
dade. 4. Criatividade. 5. Epistemologia. 6. Psicodrama. 7. Socio-
metria. I. Título.

CDD 150



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

Às nove horas do dia vinte e nove do mês de novembro do ano de dois mil e onze, na sala 208 do prédio Histórico desta Universidade, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA, o mestrando VITOR HUGO LOPES PAESE tendo como Título da Dissertação “O SENTIDO DE DEUS NA OBRA DE JACOB LEVY MORENO: UMA LEITURA DE SEUS PRIMEIROS ESCRITOS”. Constituíram a Banca Examinadora o Professor Doutor Adriano Furtado Holanda, orientador, Professora Doutora Denise Cord e Professor Doutor Alexandre Dittrich, titulares. Após a exposição do mestrando, os membros da Banca Avaliadora fizeram suas considerações e declararam o aluno:

Aprovado sem restrições.

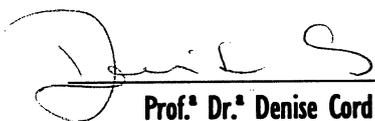
Aprovado, mas na condição de tomar as seguintes providências:

Reprovado

Eu Adriano Furtado Holanda, orientador, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.



Prof.º Dr.º Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Professor Orientador



Prof.ª Dr.ª Denise Cord
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora Titular



Prof.º Dr.º Alexandre Dittrich
Universidade Federal do Paraná
Professor Titular



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA

VITOR HUGO LOPES PAESE

**“O SENTIDO DE DEUS NA OBRA DE JACOB LEVY MORENO: UMA LEITURA DE
SEUS PRIMEIROS ESCRITOS”**

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do
Título de MESTRE EM PSICOLOGIA pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado
em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR – Universidade
Federal do Paraná, e _____ (aprovado/reprovado) pela Banca Avaliadora
abaixo assinada.

Prof.º Dr.º Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Orientador

Prof.ª Dr.ª Denise Cord
Universidade Federal de Santa Catarina
Titular

Prof.º Dr.º Alexandre Dittrich
Universidade Federal do Paraná
Titular

Curitiba, 29 de Novembro de 2011.

À minha filha **Sarah**,
fonte inesgotável de espontaneidade e criatividade.

À minha esposa **Andréa**,
co-criadora do meu amor à vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por me tornar também criador.

Aos meus pais, **Marli** e **Vitorino**, que sempre plantaram a semente da fé.

Ao meu irmão **Glauber**, por me mostrar que a vida não é só trabalho.

Agradeço, em especial, à **Adriano** Furtado Holanda, professor, orientador, incentivador e amigo, pela dedicação e compreensão sem igual.

Aos meus amigos e colegas de mestrado pelas tardes de conversa e reflexão: **Rodrigo** Ceccon, **Carolina** Bosse, **Renan** Brezolin, **Angela** Silva, **Christopher** Santos, **Alan** Mohr, **Rafaela** Kamaroski, **Guilherme** Olandoski, **Marina** de Cuffa, **Francielly** Perón , **Fátima** Szinwelski , **Maria** Cecília Silva, **Paulo** Grande, **Ana** Fedalto, **Ingrid** Maich e todos os demais também nesses representados.

Aos meus **alunos** que mais me ensinaram e orientaram do que eu a eles, em especial à **Sarah** Knesowitsch, por sua persistência e brilhantismo.

À Associação Paranaense de Psicodrama - **APP**, em especial à **Ellen** Lamberg Carneiro Bond, por me ensinar muito do que sei e acreditar em meu trabalho.

Por fim, agradeço aos **pacientes** que já atendi, pois me mostraram que, mesmo no sofrimento, há poesia.

“No princípio era o verbo', dizia João nos Evangelhos. 'No princípio era o feito', exclamava o Fausto de Goethe. Avancemos mais. 'No princípio era aquele que fazia, o ator; no princípio era eu, o Criador do Universo” (Moreno, 1923/1984, p. 26).

RESUMO

Trata-se aqui de uma pesquisa teórica, de cunho epistemológico, que tem como tema central o estudo do sentido de Deus para Jacob Levy Moreno. Assim, objetivamos neste trabalho, entender o sentido da utilização do conceito de Deus para J. L. Moreno, discutindo quatro de seus escritos, além de revermos o conceito de Deus frente aos conceitos de espontaneidade, de criatividade e de momento. Para tanto, passamos pelo estudo das obras escritas por Moreno em 1920, 1923 e 1934, respectivamente, "As Palavras do Pai", "O Teatro da Espontaneidade" e "Quem sobreviverá?". Discutimos, então, Deus enquanto uma ideia fixa para Moreno, tendo enquanto parâmetro sua última obra autobiográfica editada originalmente em 1989. E concluimos com questionamentos acerca do lugar epistemológico da noção de Deus para a compreensão da teoria moreniana.

Palavras-chave: Deus. Jacob Levy Moreno. Espontaneidade. Criatividade. Momento. Ideia Fixa. Epistemologia. Psicodrama. Ética. Sociometria.

ABSTRACT

This work is a theoretical and an epistemological study, which is focused on the meaning of God to Jacob Levy Moreno. Thus, this study aimed to understand the sense of the concept of God to J. L. Moreno, discussing four of his writings, and we review the concept of God in the face of the concepts of spontaneity, creativity and moment. To this end, we in the study of the Moreno's written in 1920, 1923 and 1934, respectively, "The Words of Father," "The Theatre of Spontaneity" and "Who Shall Survive? ". We discussed, then, the fixed idea of God and the this meaning for Moreno, with his last written as a parameter autobiographical work originally published in 1989. And we conclude with questions of the epistemological's place of the notion of God to the understanding of the Moreno's theory.

Keywords: God. Jacob Levy Moreno. Spontaneity. Creativity. Moment. Fixed Idea. Epistemology. Psychodrama. Ethics.

SUMÁRIO

Preâmbulo.....	1
Introdução.....	2
1. O Percurso da Pesquisa.....	6
2. O Sentido de Deus na Obra de Moreno.....	11
2.1. As Palavras do Pai (1920).....	11
2.2. O Teatro da Espontaneidade (1923).....	23
2.3. Quem Sobreviverá? (1934).....	32
3. Deus e Moreno – uma Ideia Fixa.....	42
4. O Psicodrama de Moreno enquanto uma busca por Deus?	54
Referências.....	64

Preâmbulo

– Apenas um e nada mais. Um dia, uma noite, um mês, um ano, uma vida. Nada mais quero do que apenas um momento. Um único instante em que me perceba aqui, repleto de mim mesmo. Eu criador. Eu potencialmente criador.

Neste trabalho, encontramos-nos um pouco com uma figura peculiar do mundo das ciências sociais e psicológicas. Uma figura que tinha como lema a integração. Integrar sempre, pois tudo provém da criação, tudo é da mesma matéria, da mesma mão Divina.

J. L. Moreno, mais do que tornar-se Deus, quis apresentá-Lo a todos nós para que também pudéssemos sê-Lo; para que pudéssemos, pelo menos uma única vez, sentir da mesma forma que ele sentiu a possibilidade de ser criador.

– Apenas um único momento, livre para criar, livre para tornar qualquer pessoa em um herói, um profeta; tornando-se tão grande e presente quanto Deus.

Esta busca, pretensão, ou mesmo, esta fixação por Deus fez de Moreno um ator incessante, com atores infinitos, mergulhados num palco universalmente grande e perante cuja admiração havia uma única saída: criar e desempenhar seu maior feito, sua melhor cena, seu melhor ato dramático a fim de que os expectadores deste drama universal se tornassem tão criadores quanto a si próprio.

Introdução

A escrita deste trabalho gerou uma infinidade de questionamentos quanto a que título utilizar, de modo a expressar para o leitor, aquilo que de fato nos propomos nesta dissertação. “*O sentido de Deus para J. L. Moreno*” pareceu-nos ser mais apropriado, pois não seria demasiadamente prolongado e transmitiria a essência da problemática em questão. “Passei a vida procurando Deus e não o encontrei”; disse Moreno, aos 85 anos, num breve relato a Pierre Weil, pouco antes de morrer, quando este visitou o criador do psicodrama, em 1974 (Motta, 2008, p.46). Ora, o que significa e que Deus é esse que Moreno tanto procurou e não achou? Enfim, isto com certeza foi o grande propulsor de nossa pesquisa.

Assim, este trabalho tem como tema central o estudo do sentido de Deus para J. L. Moreno, o que nos direciona de um modo mais detalhado para um estudo epistemológico sobre o conceito de Divindade nos seus textos iniciais. Visamos, então, em nossos objetivos, entender o sentido da utilização do conceito de Deus para Moreno, discutindo quatro de seus escritos, bem como rever o conceito de Deus frente a alguns elementos da base teórica moreniana, e que repercute diretamente no Psicodrama – envolvendo conceitos como espontaneidade, criatividade e momento –, visto que a menção a Deus parece estar presente em grande parte, senão, em toda sua obra escrita.

Em sua *Autobiografia* (Moreno, 1997), organizada no Brasil por Luis Cuchnir, encontramos alguns elementos que nos permitem inferir o elevado grau de importância dado por J.L.Moreno à temática da Divindade:

Todas as minhas tentativas científicas no campo da psicoterapia tinham fortes tendências religiosas por trás (...). Todas essas realizações e avanços não se

enganam quanto ao fracasso de concretizar o estabelecimento do Pai-Deus para todas as pessoas como uma ligação de união entre elas (...). Em nossa era, Deus não deveria estar apenas numa ou noutra igreja, mas em todos os meios que ligam as pessoas umas às outras, em todas as telas de TV, em todos os barcos, em todos os aviões, em todos os sonhos. Se Ele não está, deveria estar. Ele deveria ser feito para ser. O final do mundo pode vir, mas não o fim do Deus-Pai, enquanto houver coisas para criar (Moreno, 1997, p.155-157).

Numa leitura inicial da obra de Moreno, passando-se do primeiro ao último livro – de *As Palavras do Pai* (escrito em 1920) à sua *Autobiografia* (escrita entre as décadas de 1960 e 1970, e compilada em 1989) – notamos a referência a Deus e à necessidade de uma nova construção teológica para a estruturação de todo o pensamento psicodramático.

Há uma gama de trabalhos científicos pós-morenianos que destacam de modo sucinto esta temática de Deus e que focam, em especial, as correlações com o existencialismo e a fenomenologia para fundamentar e explicar a obra moreniana, como temos em Martín (1978), Naffah Neto (1979, 1980), Fonseca Filho (1980), Gonçalves (1988), Aguiar (1990), Almeida (1988, 1991), Blatner & Blatner (1996), Costa (2001) e Calderoni (2010), entre outros.

Há um livro escrito por B. W. Nudel (1994) que aborda de modo aprofundado as influências do Hassidismo – uma vertente mística do judaísmo criada no século XVIII, no leste de Europa – na vida e obra de Moreno. Nudel (1994) destaca que seu trabalho é uma tentativa de estabelecer uma ligação entre os princípios filosóficos morenianos e o hassidismo, haja vista que na presença de Moreno circularam pessoas tais como Chaim

Kellmer, Martin Buber e Guershom Scholem, judeus hassídicos. Devemos salientar, ainda, de acordo com Nudel (1994), a origem judaico-sefaradim de Moreno, que remete ao povo judeu que migrou da península Ibérica em direção à Turquia. Segundo Nudel (1994), o hassidismo surge enquanto uma corrente dentro do judaísmo no ano de 1750 e tem como fundador Baal Shem Tov (o *Bescht*¹). Dentre os preceitos básicos do hassidismo está a possibilidade de transformar a vida num constante e perpétuo contato com a divindade, indo além dos templos e dos ofícios sagrados. “Hassidismo significa piedade devota, devoção total a serviço de Deus” (Nudel, 1994, p. 44), o que leva a um senso de totalidade na união com Deus (Holanda, 1996). O *Bescht* saía das sinagogas e pregava junto à natureza, iniciando assim o que chamou de “contato direto com a Criação” (Nudel, 1994, p. 44); pois não havia mais separação entre o profano e o sagrado (Buber, 1966), “(...) toda vida natural pode ser santificada” (Holanda, 1996, p. 156). Além disso, “(...) O *Bescht* introduziu uma forma de servir a Deus através da alegria” (Nudel, 1994, p. 46), pois feliz é aquele que compartilha da essência divina (Buber, 1966; Holanda, 1996).

Nudel (1994) escreve também que o hassidismo se inspira e se nutre da *Cabala* e que esta observa e contempla os mistérios da vida divina. Assim, para a *Cabala*, “tudo se baseia na ideia de que o homem é o lugar por excelência onde a existência divina se revela” (Nudel, 1994, p. 57).

Nudel (1994) questiona, entretanto, qual seria o motivo que fez Moreno jamais ter citado ou referenciado o hassidismo em sua obra escrita, destacando o fato que, para um judeu que vivia na época em que Moreno viveu havia três caminhos: “assumir totalmente sua condição e, portanto, ser segregado pela sociedade antissemita; converter-se a outra religião; ou assumir o papel de livre pensador não ligado a nenhuma doutrina religiosa.

1 **Bescht** é apelido dado a Baal Shem Tov. É, segundo, Nudel (1994) a abreviatura de seu nome. O nome verdadeiro do *Bescht* era Israel Ben Eliezer (Holanda, 1996).

Moreno, a meu ver, escolheu o terceiro caminho” (Nudel, 1994, p. 69).

Moreno não cita em sua obra elementos claros sobre o hassidismo, o que gerou um obstáculo considerável para Nudel em seu livro. As inferências e aproximações feitas pelo autor são bem estudadas e articuladas, o que permitiu trazer o hassidismo para o campo das influências do pensamento moreniano com bastante segurança.

Também Fonseca Filho (1980), ao falar do hassidismo e das aproximações entre Moreno e Martin Buber – este o grande divulgador dessa vertente judaica no século XX (Holanda, 1996) –, destaca esta mística como muito influente na vida e obra de Moreno e trouxe uma nova concepção de Deus frente ao judaísmo. “Propunha substituir a relação vertical por uma horizontal, o Deus próximo, o Deus presente. Deus está em todas as coisas do mundo, na criação” (Fonseca Filho, 1980, p. 98). Assim, “cada um deve descobrir sua individualidade e trazê-la à perfeição. Somente por meio dessas diferentes individualidades a perfeição pode ser encontrada” (Fonseca Filho, 1980, p.99).

Levando-se em conta esses apontamentos, buscaremos, neste trabalho, discutir um assunto que consideramos nevrálgico na obra de Moreno: a temática sobre Deus, visto que o próprio J. L. Moreno é enfático sobre Sua importância na construção de toda a sua teoria e prática (Moreno, 1920/1992, 1997). Escolhemos assim nos balizar pelos escritos iniciais de J. L. Moreno, conforme descreveremos a seguir no método de pesquisa.

1. O Percurso da Pesquisa

Há uma problemática quanto à definição do “lugar” da temática aqui estudada. Lugar, este, para nós pesquisadores, que deve estar devidamente situado: é o lugar da epistemologia da psicologia – mais especificamente da epistemologia do psicodrama –, um lugar que historicamente se dá pela intersecção com diversos outros lugares, tais como a filosofia, a medicina, a fisiologia, as ciências sociais, a teologia, as artes, entre outros (Brozek & Massimi, 1998; Goodwin, 2005).

Sendo o nosso caminho trilhado pelo viés da psicologia, cabe aqui nos questionarmos quanto à relevância epistemológica deste trabalho de pesquisa. Se, de fato, refere-se a uma temática de cunho epistemológico ou não. Para tanto é necessário que façamos uma breve explanação sobre o que vem a ser **epistemologia**, visto que a palavra epistemologia tem origem grega – *episteme* (ciência) + *logos* (estudo) – possui como definição inicial o discurso sobre a ciência, a teoria do conhecimento. “Refere-se especificamente a um **estudo crítico** das ciências naturais e matemáticas” (Holanda, 2005, p. 28). Mora (2005) também coloca que a epistemologia pode ser compreendida muitas vezes como o termo gnosiologia, o qual também se refere à teoria do conhecimento: “(...) tendeu-se a usá-lo no sentido geral de teoria do conhecimento, sem definir de que tipo de conhecimento se tratava, e a introduzir 'epistemologia' para teoria do conhecimento científico, ou para elucidar problemas relativos ao conhecimento cujos principais exemplos eram extraídos das ciências” (Mora, 2005, p. 852).

Segundo Blackburn (1997), algumas das questões centrais referentes à epistemologia são:

(...) a origem do conhecimento; o lugar da experiência e da razão na gênese do

conhecimento; a relação entre o conhecimento e a certeza, e entre o conhecimento e a impossibilidade do erro; a possibilidade do ceticismo universal; e as formas de conhecimento que emergem das novas conceitualizações do mundo (p. 118-119).

Este mesmo autor cita, ainda, duas metáforas contracorrentes para explicar o que vem a ser epistemologia: a do *edifício* e a do *barco*. Na primeira metáfora, a do *edifício*, a epistemologia é comparada às suas fundações, fundamentos seguros para esta construção, onde a função do filósofo é justamente apontar as bases seguras de uma construção teórica; na segunda metáfora, do *barco*, não há fundamentos sólidos e firmes, mas sim uma força ou estabilidade decorrente da inter-relação de suas partes (Blackburn, 1997).

Para Holanda (2005), um estudo epistemológico, em psicologia, visa “retomar o percurso de construção de determinada abordagem², na tentativa de apreender – a partir de seus alicerces – os modos de compreensão inerentes ao seu método” (p. 26). Todo o método, segundo o autor, contém previamente dois modelos de entendimento interatuantes e interdependentes, a saber: “a **visão de homem** e a **visão de mundo**” (p. 26). Significam o modo pelo qual uma abordagem capta, organiza, situa e viabiliza a compreensão da interação do humano com o mundo.

Para dar conta do entendimento de determinada abordagem psicológica, Holanda (2005) propõe uma “**epistemologia da complexidade**” que diz respeito a como se constroem as abordagens. Para isso, destaca quatro tipos de conhecimento, no intuito de uma análise epistemológica mais rigorosa, a saber: os conhecimentos histórico, filosófico, conceitual e pragmático.

² **Abordagem**, segundo o autor, refere-se aos diversos tipos de pensamentos teóricos, tais como a psicanálise, behaviorismo, gestalt-terapia, entre outros, incluindo-se aqui o psicodrama.

No que se refere ao **conhecimento histórico**, entende-se “como aquele constitutivo da formação desta abordagem ao longo do tempo (...), que inclui as suas vertentes culturais e seus antecedentes” (Holanda, 2005, p. 46). Já, sobre o **conhecimento filosófico**, trata-se do “embasamento e os alicerces, incluindo a 'visão de mundo' e a 'visão de homem' desta abordagem” (Holanda, 2005, p. 46). O **conhecimento conceitual** vai ao encontro do conjunto de formalismos teóricos que envolvem a construção de uma abordagem enquanto teoria. Por último, o **conhecimento pragmático** que se refere ao fazer específico – métodos, técnicas e instrumentos – de cada abordagem em conformidade com as três formas anteriores de conhecimento.

Podemos, deste modo, qualificar este estudo como sendo de caráter *epistemológico*, se levarmos em consideração que é um estudo crítico acerca do conhecimento filosófico, histórico e conceitual da noção de Divindade para o psicodrama de J. L. Moreno.

Já, no que se refere ao método de nosso trabalho de pesquisa, devemos levar em consideração alguns elementos de classificação que, segundo Silva & Menezes (2001), podem ser: quanto à **natureza** (básica ou aplicada), quanto à **forma de abordagem do problema** (quantitativa ou qualitativa), quanto aos seus **objetivos** (exploratória, descritiva ou explicativa), quanto aos **procedimentos técnicos** (bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa-ação ou participante). Deste modo, nosso trabalho de pesquisa pode ser classificado como de natureza **básica** onde a forma de abordagem do problema é **qualitativa** e, devido aos objetivos, é **exploratório**, e quanto aos procedimentos técnicos é **documental**.

Trata-se de uma pesquisa **histórica**, pois faremos uso direto da obra moreniana, a partir de um recorte cronológico, utilizando-nos de três textos escritos pelo próprio J. L.

Moreno, entre 1920 e 1934, e que correspondem aos três primeiros livros de sua autoria que ganharam continuidade em novas edições e reedições do próprio autor, que são: *As Palavras do Pai*, de 1920 (Moreno, 1920/1992); *O Teatro da Espontaneidade*, de 1923 (Moreno, 1923/1984); e *Quem Sobreviverá?*, de 1934 (Moreno, 1934/2008).³

As motivações para a escolha destes três livros são: 1) uma peculiaridade em comum, onde todos os três foram revistos, reeditados e reescritos por mais de uma vez e em períodos mais maduros da vida de Moreno, como bem veremos nas introduções dos capítulos referentes a cada livro; 2) uma grande dificuldade em acessar toda a obra de Moreno devido a uma série de fatores, tais como: a não publicação de todos os seus escritos; além do fato de existirem escritos originais em alemão e em inglês, bem como diferentes organizações e compilações de seus escritos em língua inglesa, espanhola e portuguesa.

Os livros de Moreno estão disponíveis para comparação e pesquisa em bibliotecas ou em sua atual distribuidora, a *Beacon House*, em *Ambler*, Pensilvânia (...). Moreno reimprimiu seus próprios escritos frequentemente, muitas vezes sob outros títulos ou mesclados com novos textos (...). Existe em arquivo uma bibliografia completa na *Countway Medical Library*, na Universidade de *Harvard*, onde seus trabalhos estão depositados. Ele publicou ainda uma série de panfletos antes de imigrar para os Estados Unidos, sendo que a maior parte permanece não traduzida

³ Uma lista mais ampla dos escritos morenianos é apresentada por Jonathan Fox (2002), baseada nos arquivos da *Countway Medical Library*, da Universidade de Harvard, onde encontram-se os textos de J. L. Moreno: há uma série de textos ainda da fase anônima de Moreno em Viena, que foram publicados como panfletos e que ainda não foram traduzidos, exceção feita a *Einladung zu einer Begegnung* (Convite para um encontro), a saber: *Das Kinderreich* (O mundo das crianças) de 1908 e depois reeditado como *Das Reich der Kinder* em 1914; *Homo Juvenis* (o homem como juventude) de 1908; *Die Gottheit als Komodiant* (A divindade como ator) de 1911; *Der Bericht* (O relatório) de 1915; *Das Schweigen* (O silêncio) de 1915; *Die Gottheit als Redner* (A divindade como orador) de 1919; *Der Augenblick* (O momento) de 1922; *Der Königsroman* (O romance dos reis) de 1923; *Rede über die Begegnung* (Discurso sobre o encontro) de 1924; *Die Rede vor dem Richter* (Discurso perante o juiz) de 1925.

(Fox, 2002, p. 27-28).

Optamos, assim, por fazer uso destes três livros da obra de Moreno traduzidos e organizados na versão em português, facilitando também a busca e o acesso de tais obras pelo leitor.

Outro livro, porém, com escritos do próprio Moreno também é utilizado como pano de fundo e para correlações históricas e conceituais, a saber: *J.L Moreno: Autobiografia*, organizado e publicado em 1989 por seu filho Jonathan Moreno, quinze anos após a sua morte e já traduzido para o português em 1997.

Nossa pesquisa seguirá a ordem cronológica das primeiras publicações originais dos livros de Moreno, fazendo-se inicialmente uma varredura de qualquer menção ao conceito de “Deus”, “Divino”, “Divindade”, “Criador”, “Pai” ou de qualquer menção da palavra “Deus” e seus correlatos frente a outros conceitos teóricos morenianos. Seguiremos, então, a seguinte ordem de livros: *As Palavras do Pai*, de 1920; *O Teatro da Espontaneidade*, de 1923; e *Quem Sobreviverá?*, de 1934. Ao final, buscaremos possíveis diálogos dos textos pesquisados com os textos compilados por Jonathan Moreno em 1989 no *J. L. Moreno: Autobiografia*.

As reflexões derivadas desta pesquisa serão organizadas na discussão geral sobre o tema, que desenvolveremos ao final do trabalho sob o título “Deus, Moreno e sua Ideia Fixa”. Ao final, concluiremos com um capítulo de síntese: “O psicodrama de Moreno enquanto uma busca por Deus?”.

2. O Sentido de Deus na Obra de Moreno

2.1. *As Palavras do Pai* (1920)

A versão do livro *As Palavras do Pai*, aqui utilizada, é a tradução de 1992 para o português da obra publicada pela *Beacon House* de Nova York, em 1941, editora do próprio J. L. Moreno. Esta edição americana é a tradução e a ampliação da obra de 1920, *Das Testament des Vaters (O Testamento do Pai)*. É então uma obra que possui dois momentos históricos em sua confecção: 1920 e 1941. Zerka T. Moreno – esposa do idealizador do Psicodrama – esclarece alguns aspectos no prefácio para a edição brasileira de *As Palavras do Pai*: “A versão inglesa era diferente em alguns aspectos em relação à versão original alemã, na medida em que Moreno escreveu alguns dos seus poemas-orações especificamente inspirados em sua vivência nos Estados Unidos e uma grande parte do que ele tinha escrito originalmente foi retirada” (Moreno, Z. T., 1992, p. 7).

Na apresentação de *As Palavras do Pai*, em 1941, Moreno explica suas inquietações e pensamentos presentes na época em que escreveu a versão original de 1920. Uma de suas primeiras indagações foi de cunho existencial: “Será que eu sou realmente, apenas e tão somente, uma massa perecível, uma tão desesperançada existência, ou seria eu o centro de toda a criação e da imensidão do cosmos?” (Moreno, 1920/1992, p. 10).

Moreno começou a se questionar sobre sua responsabilidade para consigo mesmo; se essa responsabilidade também não seria para com todos os seus próximos e para com todos os povos. “Será que todo o Universo está sob **minha** responsabilidade? Comecei a perceber que não existem limites para a responsabilidade exceto para com o que nela há de inclusivo de tudo que se move e que se transborda de vida” (Moreno, 1920/1992, p. 10. Grifo no original). Ele destaca que não há outra forma da responsabilidade existir,

senão, existindo esta para com o Todo. Moreno acrescenta ainda que a única forma de assumir esta responsabilidade para com o Todo é, também, ter uma função criadora. “Eu devo ter estado lá, no princípio, há bilhões de anos atrás e estarei lá, a bilhões de anos no futuro. 'Eu me criei, logo, eu existo'” (Moreno, 1920/1992, p. 10).

Moreno (1920/1992) destaca que fez uma busca pelo entendimento e compreensão de Deus conforme a função e o momento histórico. Menciona que pensou então:

1. no **Deus dos hebreus** – “intangível” e nunca visto – um Deus que estava fora do mundo deles, mas que sentiam importante e necessário para as suas vidas: um “Deus-Ele”;
2. em **outras formas de divindade** inventadas pelo homem no decorrer dos séculos e dos milênios, frente a grandes crises do desenvolvimento mundial: **Cristo** é quem traz um Deus visível “na forma de uma aparência pessoal de um Deus-Tu, um Deus mais próximo, não apenas de poder, mas com uma enorme sabedoria e inteligência, um Deus-de-amor, de doçura e de recolhimento” (Moreno, 1920/1992, p.12).

Moreno (1920/1992) menciona que Deus não se transforma, mas que a concepção de Deus criada pelo homem deve acompanhar a atualidade da vida humana, chegando a hora de uma readequação do conceito de Deus. Assim, justifica Moreno:

Depois de tantas vezes traído, ele não é mais um Deus que vem de um Tu, mas que vem de dentro de nós mesmos, através do Eu, através de Mim (...). No Velho

Testamento, Deus é Ele, no Novo Testamento, Deus é Tu, mas, agora, há um novo Deus, uma nova voz da experiência, uma nova via de comunicação com o Deus que vem do próprio Eu, através de Mim, através de você, através de milhões de “Eus” (Moreno, 1920/1992, p. 10).

Deste modo, Moreno relata uma noção de Deus que se desenvolve historicamente e que se adequa aos dias atuais. Passa de um Deus-cósmico, referente ao velho testamento, de um Deus-de-amor, que inclui o Deus-cósmico, referente ao novo testamento, e vai para um Deus “Eu”, que traz o Deus-cósmico e o Deus-de-amor (Moreno, 1992).

Moreno entende o Universo como estando em constante transformação, tal qual é Deus: “(...) como resultado de milhões e milhões de forças cósmicas ele está se transformando a cada instante” (Moreno, 1992, p.13). Ele destaca que somos todos componentes destas forças cósmicas e que por isso fazemos parte do processo infinito de criação, sendo este processo o elo de ligação entre todos, o elo da responsabilidade pela criação infinita do Universo. A partir deste entendimento do Universo, Moreno passa a se denominar “Pai”, “Criador”, responsável por toda criação, parte desta criação – o que o coloca como “co-responsável” pelo universo e compreende assim que também é criador do universo. Cria, assim, uma:

(...) aliança operacional com o mundo (...). Então eu vi o mundo como um gigantesco empreendimento com milhões e milhões de associados, vi mãos invisíveis, mãos estendidas, uma querendo tocar a outra, todos sendo capazes de, através da responsabilidade, tornarem-se deuses (Moreno, 1992, p.14).

Moreno apresenta, em seu livro *As Palavras do Pai* uma inversão dos princípios teológicos tradicionais. Destaca que Deus sempre é o mesmo, mas que o conceito de Deus se modifica, assim como qualquer outro conceito. Destaca, como exemplo, que Brahma, Jeová ou Cristo foram estágios de uma concepção de Deus. A menção a um Deus-Eu é, segundo Moreno (1992), a expressão total e definitiva de Deus.

Moreno relata um atributo importante desta noção de Deus, que é a sua “presença instantânea”. Aqui a criatividade é a forma mais intensa e presente de Deus. Não desconsidera Seus (referindo-se a Deus) outros atributos: a onipotência, a infinita sabedoria, a retidão, a caridade, mas enfatiza a criatividade, entendendo que esta, não recebeu a devida atenção por parte dos teólogos. A função de Criador é para Moreno o foco de estudo sobre Deus. “O Universo é uma criação em contínuo desenvolvimento e cada novo indivíduo que nasce cria, junto com Deus, o mundo que há de vir” (Moreno, 1920/1992, p.22). Assim, há nesta obra, segundo Moreno (1920/1992), um “esquema existencial” criado a partir da voz do próprio Deus, onde a essência da nossa existência refere-se à fome por criar. Trata-se aqui de uma corrente dinâmica de criatividade.

O seguinte argumento é dado por Moreno: “Como Deus é inseparável do Universo e o Universo é inseparável de cada homem que vive nele, necessariamente cada homem é inseparável de Deus (...). O princípio do Universo é a criatividade (...). Deus é pura espontaneidade” (Moreno, 1920/1992, p.24-29).

Moreno fala de um “atraso” sobre a concepção de Deus, um atraso teológico que mantém todo um sistema de valores desatualizado de seu real momento. Destaca que uma transformação revolucionária – se quiser atingir todo um sistema de valores – deve lidar diretamente com um conceito principal, que é o conceito de Deus (Moreno,

1920/1992).

Nesta obra, Moreno explica os elementos básicos de sua teologia. Desta que é tão somente a ciência da Divindade e que aborda Deus em si mesmo, sem religião alguma. Moreno propõe uma filosofia da Divindade, onde Deus é igual para todas as religiões, para todos os homens. Destaca que “cada organização quase individual, dos cristais às plantas, do animal ao homem, do homem ao super-homem, tem uma experiência subjetiva especial do mundo” (Moreno, 1920/1992, p.135) e que uma filosofia dessa natureza não poderia ser proposta, senão, pelo próprio Deus, que possui as características necessárias para contemplar o Universo de uma só vez.

Ao se referir a uma frase escrita por Spinoza em seus *Princípios de Filosofia Cartesiana*, Moreno (1920/1992) argumenta que tanto o homem quanto Deus existem de fato e são necessários, visto que “quanto mais perfeito é um ser, mais necessário ele se torna”. A diferença entre Deus e o homem “está no grau de espontaneidade e criatividade que cada um pode manifestar (...). Deus é o Ser portador de máxima espontaneidade e Ele é o Ser cuja espontaneidade transformou-se totalmente em criatividade” (Moreno, 1920/1992, p. 136-137). Assim, o lugar no qual Deus se encontra é o de expressão máxima de espontaneidade e criatividade. A Espontaneidade é um produto do momento, que está em sincronidade temporal com o Universo.

Houve um tempo, na era mitológica, em que a Divindade podia “evocar a criatividade e a espontaneidade necessárias para a criação de todo o Universo” (Moreno, 1920/1992, p.137). O que se tem, na verdade, é um contínuo *status nascendi* na relação de Deus com o Universo. Para explicar isso, Moreno faz uso do conceito de *momento*, dentro de sua filosofia da Divindade.

A noção de “momento” – algumas vezes entendido por teoria, ou mesmo, filosofia

do momento – é uma necessidade conceitual para se entender a dinâmica *Deus-Universo-Espontaneidade-Criatividade-Homem* (elementos teóricos discutidos por J. L. Moreno em *As Palavras do Pai*). Moreno (1923/1984) em seu livro *O Teatro da Espontaneidade* escreve sobre três fatores, fases diferentes de um mesmo processo, que contribuem para a compreensão do momento, a saber: o *status nascendi*, o *locus*, e a matriz. “Não existe a 'coisa' sem *locus*, não existe *locus* sem seu *status nascendi*, e não existe um *status nascendi* sem sua matriz” (Moreno, 1923/1984, p. 29). Destaca que o princípio de algo está justamente onde este algo veio à luz, onde ele surgiu, ou seja, a própria criação.

Definir “momento” é uma tarefa difícil, segundo Moreno (1920/1992). Para ele, este conceito tem sido posto em segundo plano pelos sistemas filosóficos conhecidos. Para os filósofos, o “momento” nada mais seria do que uma transição entre passado e futuro, não tendo, assim, substância real suficiente para compor um sistema teórico e prático da filosofia. Moreno (1920/1992, p.141) menciona que o conceito de “conserva cultural” serve como um parâmetro para a espontaneidade, já que retira o sentido estéril teoricamente, e pragmaticamente inútil do momento. Moreno fala de uma escala de ordem axiológica onde o valor máximo da espontaneidade e da criatividade é a Divindade e onde o oposto ao máximo, o mínimo, o zero da espontaneidade e da criatividade é a conserva cultural.

Tanto Nietzsche quanto Bergson, segundo Moreno (1920/1992), se depararam com a falta de um conceito adequado sobre o “momento”. A teoria dos valores apontados por Nietzsche baseia-se em heróis e deuses que viveram a serviço da conserva cultural. Moreno menciona que as criações destes, livros e escritos, se dão enquanto obras prontas e finalizadas, com um alto grau de refinamento, mas pertencentes às conservas culturais. Todos esses “tesouros culturais”, apesar de denotarem criatividade, são

conservas culturais e estão em descompasso com o momento. Moreno destaca que Bergson chega perto de um entendimento da noção de criatividade em relação ao tempo, onde o homem é eternamente criativo a qualquer instante, mas que

Bergson não construiu nenhuma ponte entre o criativo absoluto, o tempo e o espaço no qual vivemos, que foi construído pelo homem. O resultado foi que, mesmo se estas experiências imediatas tivessem que ter a qualidade de uma realidade final que Bergson reclamava para elas, elas têm um “status” irracional e por isso são praticamente inúteis para a metodologia e para o progresso científico (Moreno, 1920/1992, p.144).

Para Moreno (1920/1992), uma teologia da Divindade só pode existir se, em seu princípio, estiver contido o conceito de “espontaneidade”. Conceito este que assume tanto um valor biológico, social, quanto Divino. Devemos, diz Moreno, ser críticos a todas as formas de profecias, atos e mensagens que foram no passado atribuídos “a Deus, às Bíblias, às Igrejas, às prévias imagens Dele, do Seu ser e de Suas funções” (Moreno, 1920/1992, p.145), já que estas também são, em si, conservas culturais e que, assim, são desprovidas da própria espontaneidade e criatividade.

Deus possui uma função revolucionária espontânea criadora que tem sido deixada de lado frente a “Suas obras, Seu universo, Sua onipotência, Sua retidão e Sua sabedoria” (Moreno, 1920/1992, p. 146). Isso se dá frente à noção de ideal e de perfeição que deriva das coisas já acabadas e já concluídas que são conservas culturais e que são socialmente valorizadas e aceitas muito mais do que as coisas que permanecem inacabadas e num estado de imperfeição. Ao falar de obras respeitadas pelos seus bons

acabamentos e por suas consideráveis perfeições, tais como a Bíblia, as obras de Shakespeare e as sinfonias de Beethoven, Moreno explica que

A conserva cultural é, pois, uma categoria consoladora e que dá segurança. Não é, portanto, surpreendente que a categoria do *momento* tenha tido uma oportunidade muito pobre para desenvolver-se em uma cultura como a nossa, saturada de conservas culturais e, relativamente, satisfeita com elas (Moreno, 1920/1992, p. 146).

Ela mesma, a “conserva cultural”, num estágio inicial, deriva de uma matriz de criatividade espontânea. A espontaneidade, segundo Moreno (1920/1992) é um estado de prontidão que permite ao sujeito uma resposta mais rápida quando solicitado. “É uma condição – um ajustamento – do sujeito, uma preparação do mesmo para uma ação livre” (Moreno, 1920/1992, p.152).

Ao explanar sobre a vulnerabilidade do homem frente à sua incapacidade de, por meio das máquinas e das conservas culturais, tornar-se a si mesmo semelhança de Deus, Moreno (1920/1992) destaca que a teoria da espontaneidade pode esclarecer três pontos fundamentais da Divindade: “1- como um criador e na relação Dele com a criatividade; 2 – em Sua relação com o momento e o Seu conceito de onipresença; 3 – na relação Dele com o Universo, com ênfase especial na história do nosso mundo pessoal” (Moreno, 1920/1992, p. 157).

Para Moreno (1920/1992), a Divindade está presente em todos os atos criativos do Universo. Ela penetra em um sem-número de momentos pessoais, preenchendo-os sem privá-los de sua existência num dado momento frente a qualquer partícula do Universo.

Ela (a Divindade) produz uma nova dimensão existencial, produz um “supramomento”. A Divindade:

(...) não cria, no segundo dia, o que criou no primeiro (...). A segunda vez é exatamente tão espontânea e nova como foi a primeira (...). Quanto mais livre é Deus em seus atos criativos, tanto mais livres serão os seres que dão à luz. Naturalmente, ocorre-nos uma pergunta: como se pode explicar o processo de criatividade de Deus, em termos de um universo humano? Devemos ver a Divindade como coexistente com todos os atos criativos dos homens e, na verdade, Ela é a verdadeira essência deles (Moreno, 1920/1992, p.157-158).

Moreno escreve sobre a Divindade no tempo presente, como um fenômeno que continuamente está presente no Universo. “Deus está presente em cada detalhe da experiência” (Moreno, 1920/1992, p. 160). Isso faz com que Sua visibilidade total, esmagadora, torne-O invisível. Ao mesmo tempo, a Divindade possui uma existência subjetiva, “significando que Ela está viva e criativa no presente” (p. 162) e entendendo que Ela é constituída de uma subjetividade em nível diferente da subjetividade do homem. **O momento para a Divindade “é um momento do qual grande número de momentos 'humanos' faz parte”** (Moreno, 1920/1992, p. 162. Grifos nossos). Assim, o entendimento da “onipresença” de Deus deve ser considerado como uma “multipresença”, onde sua presença está em um número limitado de momentos e situações independentes e onde o agrupamento, cada vez maior, de presentes permite a experimentação da onipresença pela Divindade.

Moreno (1920/1992, p. 166-167) menciona que a ideia de Deus é o reflexo preciso

de um determinado estágio da cultura da humanidade, havendo um número grande e indefinido de construções sobre a ideia da Divindade satisfazendo um mesmo número de momentos requeridos em cada estágio. Fica, então, a dúvida sobre qual seria a verdadeira ideia da Divindade. Moreno (1920/1992) destaca que tal dúvida é sem sentido, visto que estas concepções sobre a Divindade nunca são definitivas, além do que, tal necessidade de uma concepção fixa sobre a Divindade é uma necessidade do homem por “conceitos antropomórficos” na intenção de criar uma ideia conservada sobre a Divindade. Moreno (1920/1992) escreve que busca uma congruência entre as Divindades já concebidas e a Divindade real que está na essência dessas concepções. Ele destaca que não há uma noção de Divindade definitiva, pois cada novo momento requer uma nova construção sobre o que vem a ser a Divindade – a despeito de considerar o *Deus-Eu* como a noção mais completa e definitiva de Deus, Moreno destaca, mesmo que não seja claramente explicitada esta contradição, que a noção de Deus nunca é definitiva, pois esta deve estar em consonância com o momento. Logo, podemos inferir que a noção de um Deus-Eu é completa e definitiva para o momento em que Moreno se encontra (a década de 1920).

Para Moreno (1920/1992) a velha ideia de Divindade apresentada por diferentes religiões, onde uma Entidade Suprema era Senhora indiscutível do destino do Universo, deve ser substituída pelo “homem-Deus”, entendendo esta como sendo uma concepção mais em acordo com o momento atual do homem em sua própria história.

Frente à sua nova ideia de Divindade, Moreno propõe uma teologia experimental. A concepção de Deus é a concepção do Criador, repleto de espontaneidade e criatividade. “A unidade da Divindade é compatível com a unidade da natureza” (Moreno, 1920/1992, p. 172). Assim, as subdivisões da ciência entre Sociometria, Antropometria, Biometria,

Astronomia, Geometria entre outros, são transitórias e se consolidam numa ciência mais ampla e universal, a qual chama de Teometria.

No instante em que apresenta sua Teometria, Moreno (1920/1992) menciona que a operacionalização de tal ciência deve pautar-se no agente criador,

(...) não em sentido metafísico, mas num sentido “metaprático”. Isso compele a extensão lógica do operacionalismo rumo ao “criacionismo”, termos esses, usados num sentido moderno, expressando um ponto de vista metodológico (...), quanto mais complexo é o nível de criatividade, tanto mais o criacionismo desvia-se do operacionalismo simples. No plano mais elevado da criatividade (o plano da Divindade) essa dissonância também chegará ao seu grau máximo. Nesse nível, as operações fluem da agência criativa. Todas as operações são levadas a cabo a partir do ponto de vista do Criador. Tudo integra-se na operação, já que pode existir nenhuma meta fora Dele. A metafísica transformou-se, por completo, numa “metapraxis” (Moreno, 1920/1992, p. 173).

Para Moreno “*metafísica é o ponto de vista da coisa que é criada, da criatura... É a prescrição para a experiência (...), consiste em generalizações que se referem a todas as manifestações especiais da existência (...). Metapraxis é o ponto de vista do criador*” (Moreno, 1923/1984, p. 48-49). Moreno (1923/1984) complementa o entendimento sobre a *metapraxis* escrevendo que esta não é o caminho para a experiência, mas sim, a criadora da própria experiência. É, em potencial, o *locus* do mundo. Existe antes do início e depois do fim do mundo. Trata-se de uma filosofia de criação pura, onde o imaginário é tão possível e real quanto o mundo em que vivemos. Menciona que após a retirada de

todos os fenômenos e de tudo que está em volta disso, a única coisa que sobra é a *metapraxis*. Esta “é a vida da imaginação e da criação, a produção de entidades pessoais infinitas (...), é o lugar onde nossa eterna pergunta a respeito da liberdade da vontade (do livre-arbítrio) recebe uma resposta adequada” (Moreno, 1923/1984, p. 50).

Moreno (1920/1992, p. 174-177) cita os cânones do criacionismo como sendo a base para os métodos experimentais pelos quais a Teologia deve se operacionalizar. Destaca que estes cânones foram grandes teólogos que não se deram conta dos próprios métodos experimentais pelos quais puderam explorar a existência e a essência da Divindade, que foram as suas próprias existências. Aquilo que viveram na própria carne é o que fundamenta uma teologia experimental.

Os cânones citados por Moreno (1920/1992) são: Buda, Cristo e Espinoza. Sobre Buda, Moreno relata que sua busca por negar a ideia de Brahma, refugiando-se no vazio de Nirvana não foi suficiente para dissipar sua própria vontade, vontade esta que, para Moreno “poderia ter se tornado um impulso para um mundo novo sobre o qual buda poderia ter dito, as mesmas palavras que ouvimos do Pai: 'Isto me pertence, isto sou Eu, tudo isto sou Eu, mesmo'” (Moreno, 1920/1992, p.175). Sobre Cristo, Moreno escreve que sua vida foi a expressão de um Deus no presente, um Deus pessoal, espontâneo e íntimo. A filosofia do criador está implícita da vida de Jesus. No que se refere a Espinoza, Moreno vai compará-lo com Cristo e Buda, destacando que ele foi um crítico, diferentemente deles, que foram experimentadores. Espinoza, para Moreno, buscou definir Deus por meio do pensamento, Deus já estava encarnado na totalidade da natureza. Seu grande entendimento lógico de Deus o afastou do sentido da evolução da existência de Deus. (Moreno, 1920/1992).

Por fim, Moreno (1920/1992) destaca que o treinamento da espontaneidade à

experiência religiosa pode se dar de modo promissor. Tal aplicação de uma teologia experimental pode ser feita por oração. Ele relata que a oração é formada por palavra, pensamento, sentimento e plano de ação.

Ideias e emoções tais como amor, caridade, piedade, simpatia, felicidade, dominação, subordinação, humildade, lealdade, piedade, tranquilidade e silêncio todas essas categorias espirituais e psicológicas e muitas outras podem ser iniciadas, desenvolvidas ou treinadas com exercícios de espontaneidade (...) A espontaneidade e a criatividade, ambas são, desde já, consideradas como valores biológicos e sociais, são, aqui também, transformadas em supremos valores teológicos (Moreno, 1920/1992, p. 181-182).

2.2. O Teatro da Espontaneidade (1923)

Cabe aqui salientar ao leitor as informações e o contexto do livro que dá nome a este capítulo. Segundo o prefácio do próprio autor (Moreno, 1923/1984), a primeira edição de *O Teatro da Espontaneidade* é de 1923, em alemão, feita por Gustav Kiepenheuer Verlag, em cuja capa não havia o nome do autor, tal como ocorreram com todos os seus textos até o ano de 1925.

A edição de *O Teatro da Espontaneidade* utilizada aqui é a tradução para a língua portuguesa da edição em língua inglesa (*The Theatre of Spontaneity*) de 1973, da *Beacon House*. Esta versão inglesa é traduzida e publicada pelo próprio Moreno, em 1947, do original em alemão (*Das Stegreiftheater*) de 1923, possuindo trechos reescritos e ampliados (Moreno, 1923/1984).

Neste livro, Moreno (1923/1984) elabora as bases da sua teoria da

espontaneidade, da técnica de atuação e da comunicação interpessoal. Ele relata ainda que esta obra marca a transição da escrita religiosa para a escrita científica, sendo esta precursora de estudos sobre o mapeamento das comunicações interpessoais, diagramas de movimento, procedimento operacional, análise situacional, sociograma, diagrama do átomo social, diagrama do papel, sociograma de ação, entre outros.

Este livro é dividido em cinco partes, além uma parte introdutória que abrange o contexto e os princípios do pensamento de Moreno (1923/1984) sobre o teatro. Moreno fala sobre o período entre 1921 e 1923, onde criou o Teatro Vienense da Espontaneidade e no qual a tarefa central era revolucionar o teatro. Quatro mudanças se concretizaram frente a essa tentativa revolucionária:

1 – Eliminação do dramaturgo e do texto teatral por escrito; 2 – Participação da audiência, ser um 'teatro sem espectadores'. Todos são participantes, cada um é um ator; 3 – Atores e plateia são agora os únicos criadores. Tudo é improvisado: a peça, a ação, o motivo, as palavras, o encontro e a resolução dos conflitos; 4 – O antigo palco está desaparecido; em seu lugar desponta o palco-espço, o espaço aberto, o espaço da vida, a vida mesma (Moreno, 1923/1984, p. 9).

Segundo Moreno (1923/1984), havia uma grande dificuldade do público aceitar o teatro espontâneo devido a já estarem acostumados com as conservas culturais do teatro da época e por não confiarem na criatividade espontânea. Do teatro de espontaneidade, desenvolveu-se uma modalidade intermediária de teatro: “o teatro de catarse, ou psicodrama” (Moreno, 1923/1984, p. 10). Este já era uma modalidade desenvolvida não mais com atores, mas com pessoas comuns, onde se encorajavam as imperfeições

direcionando-se para uma espontaneidade total. O objetivo do psicodrama “é uma organização genuína da forma, uma autorrealização criativa no ato, uma estruturação de espaço, uma concretização de relacionamentos humanos no âmbito da ação cênica” (Moreno, 1923/1984, p. 10).

Moreno (1923/1984) relata que na época em que escreveu *O Teatro da Espontaneidade* estava lutando com as ideias de Deus, *Self*⁴ e Liberdade.

Eu sofria de uma ideia fixa (...) minha fonte de constante produtividade, proclamava a existência de uma espécie de natureza primordial, imortal, e que retorna rejuvenescida, como um primeiro universo que contém todos os seres e no qual todos os eventos são sagrados (...). Esta ideia fixa deveria permanecer meu guia. Portanto, toda vez que eu entrava numa nova dimensão da vida, as formas que eu vislumbrava com meus próprios olhos, naquele virginal universo, erguiam-se à minha frente (...). Minha visão do teatro foi moldada segundo a ideia do *self* espontaneamente criativo (Moreno, 1923/1984, p. 15-17).

Moreno acrescenta que, até então, o teatro havia se afastado de sua forma original e que propunha um novo modelo, uma espécie de religião dramática. Menciona que se inspirou na própria natureza e que pesquisou o teatro no seu mais antigo formato e que chegou nos teatros dos mercados públicos que aconteciam nos núcleos das comunidades.

Moreno destaca três formas de “materialismo”⁵, presentes na Viena de 1910, que

4 A compreensão de **Self** adotada por Moreno será abordada mais à frente, ainda neste capítulo.

5 A utilização do termo “materialismo” diz respeito ao entendimento de Moreno quanto aos pensamentos que vigoravam no início do século XX e que não levam em consideração a compreensão da Divindade em seus sistemas teóricos.

considerava dominantes naquele período: o materialismo econômico de Marx, o materialismo psicológico de Freud e o materialismo tecnológico do navio a vapor. Apesar de considerar as dissidências entre os três tipos de materialismo, Moreno (1923/1984) destaca que eles tinham um ponto em comum, que era um medo e uma contrariedade profundos contra o *self* criativo e espontâneo.

Quando descobri reduzida a cinzas a orgulhosa casa do Homem⁶... o único resíduo que detectei em meio às ruínas, prenhe de promessas foi o “espontâneo-criativo”. Via seu fogo queimando à base de cada dimensão da natureza – cósmica, espiritual, cultural, social, psicológica, biológica, sexual (Moreno, 1923/1984, p. 17).

Moreno (1923/1984) menciona que iniciou, a partir daí uma pesquisa de espontaneidade em nível de realidade em si mesmo e que se desenrolou numa preparação para estados proféticos e heroicos nos quais percebia uma presença mais acentuada de espontaneidade criativa. Foi a partir desse momento que Moreno passou a representar Deus; e suas primeiras descobertas foram: a espontaneidade pode se tornar “rançosa” caso não se dê a devida atenção ao seu desenvolvimento, ou seja, a própria espontaneidade pode deteriorar a pessoa; e, a espontaneidade pode ser treinável, mesmo sendo ela pouco desenvolvida. Relata que, numa época em que o materialismo é o pensamento dominante, ninguém consegue desempenhar os papéis de deuses e santos sem que isto lhe gere denominação de louco ou criminoso. Assim, segundo Moreno, o teatro consistia num lugar seguro para a revolução que pretendia e para a pesquisa de espontaneidade em nível experimental. E, muito mais do que num teatro de espontaneidade, o teatro de catarse ou terapêutico tornou-se o espaço mais adequado

6 Moreno utiliza este termo para designar o **Self**.

para a espontaneidade integral.

Quando Deus criou o mundo em seis dias ele acabou se detendo um dia antes, com excessiva antecipação. Ele havia organizado para o Homem um lugar onde viver, mas para torná-lo seguro para aquele, acabou também por acorrentá-lo a tal lugar. No sétimo dia, Ele deveria ter criado para o Homem um segundo universo, um outro mundo, livre do primeiro e no qual o Homem pudesse se purificar deste, mas um mundo em que não houvesse pessoa alguma acorrentada, pois não seria real. É neste ponto que o teatro da espontaneidade prossegue a obra de Deus de criar o Mundo, ao abrir para o Homem uma nova dimensão da existência (Moreno, 1923/1984, p.20).

No que se refere ao **Self**, Moreno (1923/1984) relata que este é formado por tipos diferentes de experiência e que também possui diferentes dimensões: social, sexual, biológica, cósmica. Menciona sua tese de que o *locus* do *self* está na própria espontaneidade e que um é função do outro, caminham juntos quanto à intensidade e à expansão. Sua estrutura, destaca Moreno, passa por uma configuração de papéis e sua extensão ultrapassa o próprio organismo, chegando ao âmbito interpessoal.

Moreno (1923/1984) questiona os limites do *self* (até onde se estende ou acaba) e faz a seguinte colocação: “Se o *self* do Homem pode expandir-se em poder e criatividade – e a história completa do Homem parece indicá-lo – então deve existir uma certa relação entre a ideia de *self* humano e a ideia de *self* universal, ou Deus” (Moreno, 1923/1984, p. 21). Destaca que os elos que uniam o Homem a um sistema divino foram rompidos de modo apressado e entusiasmado por aqueles a que chamou de “apóstolos modernos do

agnosticismo”, rompendo assim o próprio *self* do Homem. Menciona que ao mesmo tempo em que emanciparam o Homem de Deus, também emanciparam o homem de si mesmo, matando não só a ideia de Deus, mas o próprio Homem. Assim, Moreno escreve que o centro de toda a problemática não está em Deus ou na negação se sua existência. Destaca que a problemática concentra-se na origem, na realidade e na expansão do *self*. “Por *self* eu quero dizer qualquer coisa que reste de você e de mim depois que a mais radical redução de “nós” for feita por retroducionistas passados e futuros” (Moreno, 1923/1984, p. 21).

Há uma ressalva feita por Moreno (1923/1984) quanto ao processo Eu-Self-Deus que não deve ser confundido com a ideia do Homem-Deus, ou mesmo um antropomorfismo. Moreno destaca que “não estamos voltados para a possível divindade de uma determinada pessoa, mas para usarmos uma símile religiosa, para a divindade do universo total, para sua auto-integração” (Moreno, 1923/1984, p. 24).

Moreno (1923/1984) destaca dois conceitos quanto ao ator/autor no processo de criação e ao método do teatro da espontaneidade: o ***status nascendi*** e a **ideia de perfeição**. O *processo* de criação parece ter uma importância até mesmo maior do que a coisa acabada. Caminhos diferentes poderiam ter sido tomados frente às diversas possibilidades que se desenvolveram no meio do caminho, antes de se chegar na coisa acabada. Destaca que a atenção destinada pelo artista em sua obra é para o todo dela, por cada etapa de sua criação. Assim, menciona o autor, o teatro da espontaneidade serve para acolher esses diversos caminhos (“filhos abortados”) que não foram trilhados em decorrência do caminho final escolhido pelo artista. O teatro da espontaneidade “é o santuário das crianças rejeitadas, mas por assim dizer, daquelas crianças que não desejam vida mais do que uma vez.”⁷ Não se oferece a imortalidade, ao contrário, oferece-

⁷ Aqui, Moreno se refere ao mundo metaprático (***metapraxis***), ao mundo da criação, onde somente o Eu-

se o amor à morte” (Moreno, 1923/1984, p. 61). A produção cênica acontece de modo crescente, cada vez mais complexa, intercalada com pausas de descanso. O fator decisivo – escreve o autor – mais do que o trabalho total, é “a força dos 'átomos' cênicos individuais” (Moreno, 1923/1984, p. 68).

Tal produção dramática espontânea segue três regras básicas, organizadas por Moreno (1923/1984): A) “O diretor do teatro da espontaneidade deve executar sua tarefa principal durante a apresentação em si. B) Ele é quem sugere as ideias, distribui os papéis-tarefas, o argumento e a duração do mesmo” (Moreno, 1923/1984, p. 87). C) Ele organiza o drama espontâneo permitindo que os atores possam compreender o núcleo do enredo, a argumentação e os papéis que devem atuar.

Moreno (1923/1984) relata que “o diretor de produção espontânea, tal como os atores, deve tomar suas decisões de momento a momento” (Moreno, 1923/1984, p. 88). Faz a ressalva de que o teatro da espontaneidade tem a missão de **servir ao momento**. Explica, por metáfora, o sentido do uso do teatro da espontaneidade no que se refere à Divindade:

A espontaneidade e o vôo dos pássaros são aliados íntimos. Foi sonho do homem voar como os pássaros. Se não com suas próprias asas, pelo menos por intermédio de asas técnicas – os aviões – ou parecer um deus – se não na realidade, pelo menos no teatro; talvez estes dois sejam os mais antigos sonhos dos homens. Talvez possuam uma origem comum.

É o desejo de provar pela mágica, pela ciência, ou por qualquer outro método, que a busca da divindade é bem fundamentada. Não se trata nem de uma demonstração teológica, nem de uma demonstração crítica, e sim de uma

Self-Deus pode existir.

demonstração estética de liberdade (Moreno, 1923/1984, p. 99).

Levando em consideração o tema da **liberdade**, Moreno (1923/1984) argumenta sobre a espontaneidade e sua propriedade catártica e de cura. Menciona que a espontaneidade permite os níveis mais profundos de personalidade se manifestarem livres e, com isso, tornar o que for patológico visível. Destaca que o objetivo do tratamento da espontaneidade é ficar doente, em contraponto ao ficar bem, para que justamente se expulse a doença do próprio paciente. “A magnificação da realidade em drama liberta-o da realidade” (Moreno, 1923/1984, p. 99).

Assim, Moreno (1923/1984) entra nas suas argumentações sobre o teatro terapêutico. Escreve que, no teatro da espontaneidade, o momento é livre por inteiro, presente em sua forma e conteúdo, mas que o local (refere-se aqui ao *locus*) é secundário e partido. Acrescenta que é justamente no teatro terapêutico que tanto o espaço quanto o momento são originais: O local inicial da experiência, de seu nascimento, é o próprio *locus nascendi* do teatro; e o momento inicial da criação é o próprio *status nascendi*. É justamente o drama real, a situação dramática vivida pelo paciente que dá condições legítimas para a manifestação da espontaneidade. O passado do paciente é retirado de suas profundezas e chega rapidamente à tona. Emerge para, além de curar a si próprio, ter um destino catártico e aliviante. “Como também é o amor por seus próprios demônios que guia o teatro até este libertar-se de si próprio. A fim de poderem ser retirados de suas jaulas, laceram suas feridas mais secretas e profundas e agora estas sangram visivelmente, aos olhos de todos” (Moreno, 1984, p. 107). Relata, então, que o desdobramento da vida que acontece no teatro não se refere à renovação do sofrimento, mas sim à liberação deste. Na repetição do drama vivido, a pessoa ganha “o

ponto de vista do criador – a experiência da verdadeira liberdade, a libertação de sua própria natureza. A primeira vez faz com que, na segunda, a pessoa ria” (Moreno, 1984, p. 108). Escreve, ainda, que o teatro da espontaneidade permite o desdobramento da ilusão, mas que esta ilusão, vivida na cena dramática por aqueles que a viveram na realidade, é a libertação da vida.

2.3. Quem Sobreviverá? (1934)

Antes de entrarmos em contato com os conteúdos pesquisados, cabe aqui destacarmos algumas informações quanto à confecção e à edição do livro que dá nome a este capítulo. O livro *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama*, originalmente, foi escrito em língua inglesa (*Who Shall Survive? Foundations of Sociometry, Group Psychotherapy and Sociodrama*) e publicado pela primeira vez no ano de 1934. Uma segunda edição mais ampla foi realizada no ano de 1953 pelo próprio J. L. Moreno e organizada por sua esposa Zerka T. Moreno.

Entre 1973 e 1974, após esgotar a edição de 1953, J. L. Moreno e Ann E. Hale fizeram uma seleção de textos baseada na edição de 1953 com o intuito de se fazer a publicação da edição do estudante, mais enxuta e com um número menor de tabelas, gráficos e fórmulas, preservando-se o mais essencial e relevante de todo o texto. Em 1978, entretanto, Zerka T. Moreno organizou a terceira edição completa de *Who Shall Survive?* que rapidamente se esgotou. A *American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama* decidiu publicar a “edição do estudante”, organizada por Ann E. Hale. Esta edição foi então publicada em 1993, após a aprovação e os acréscimos de alguns textos selecionados do original por Zerka T. Moreno, recebendo, ainda, uma introdução específica para esta edição, escrita por A. Paul Hare.

O exemplar utilizado por nós neste trabalho é a tradução para a língua portuguesa da primeira “edição do estudante” (correspondendo, pois, ao texto de língua inglesa de 1993). Esta tradução ficou a cargo de Moyses Aguiar e foi impressa pela *Daimon - Centro de Estudos do Relacionamento* (da cidade de São Paulo), em 2008. Esta versão está em um único volume e contém seis livros, além da Introdução. São eles: Livro I – Sistema Sociométrico; Livro II – (não está presente no livro, visto que foi retirado para a

compilação da edição do estudante já na versão em inglês); Livro III – Sociometria de uma Comunidade; Livro IV – Construção e Reconstrução de uma Sociedade; O Planejamento Sociométrico da Sociedade; Livro VI – Quem Sobreviverá?.

O intuito deste livro, segundo Moreno (1934/2008) é falar sobre a nova ciência psicossocial que fora desenvolvida nos últimos anos e sobre seus elementos teóricos e práticos – a Sociometria. Logo no início, ainda na parte introdutória, Moreno (1934/2008) escreve sobre os objetivos terapêuticos de seus estudos e relata que “um procedimento terapêutico não pode ter um objetivo menor do que o todo da humanidade” (Moreno, 1934/2008, p. 41). O mesmo autor considera a humanidade como uma unidade orgânica e social que tem em si tensões em suas mais diferentes partes, o que a levaria a se juntar e a se separar em determinados momentos.

Moreno (1934/2008) destaca que, diante deste cenário de uma busca terapêutica e de uma organização da humanidade, a *Sociometria* seria a ciência que permitiria encontrar algumas provas quanto a essa unidade referente à humanidade. A Sociometria é considerada a “sociologia de eventos dinâmicos microscópicos, independente do tamanho do grupo social ao qual ela é aplicada, seja ele pequeno ou grande” (Moreno, 1934/2008, p.62). Willian Alason White, em 1933, ao prefaciar a primeira edição de *Quem Sobreviverá?*, sintetiza bem o que vêm a ser os objetivos da sociometria: “reunir pessoas que possam desenvolver relações interpessoais harmoniosas entre si, de modo que se crie um grupo social provido de condições de funcionar com o máximo de eficiência e com o mínimo de destrutividade” (White, 1933, p. 31)

Esta unidade estaria exemplificada em “provas” tais como a “lei da gravidade social”, que evidencia uma organização e uma distribuição espacial das relações humanas e a “lei sociogenética” onde “um nível predominantemente psicoorgânico da sociedade deve ter

precedido o nível predominantemente psicossocial no qual vivemos” (Moreno, 1934/2008, p. 42). Acrescenta que se é possível identificar leis nas quais a humanidade se estrutura e organiza, logo uma terapêutica para a humanidade deve levar em consideração tais leis e se reger por elas.

Ao entrar neste assunto, Moreno (1934/2008) menciona o Cristianismo como sendo um dos maiores e mais engenhosos dispositivos psicoterapêuticos inventados pelo homem, a despeito dos poucos efeitos terapêuticos produzidos pela psicoterapia médica da época. “Pode-se dizer que, desde sua origem, a doutrina cristã tem buscado tratar o todo da humanidade e não este ou aquele indivíduo, e não este ou aquele grupo de pessoas” (Moreno, 1934/2008, p. 43).

Moreno (1934/2008) coloca que, a partir disso, começou a pensar em um procedimento terapêutico que permitisse ao homem ser espontâneo, a ser o que ele tende a ser, juntando-se assim espontaneamente a grupos preferidos por ele, e este procedimento seria a sociometria.

Para Moreno (1934/2008), a sociometria é a pedra angular de uma ciência, por ele considerada ainda pouco desenvolvida: a democracia.

Um governo do povo, pelo povo e para o povo é logicamente secundado por uma ciência do povo, pelo povo e para o povo (...). O ponto nodal da sociometria dialética é que a sociometria devolve as ciências sociais à ciência “aborígine” da qual proveio – a ética – sem, entretanto, ceder um milímetro sequer das metas objetivas do método científico. A sociometria é a ética social por excelência. Por detrás das operações sociométricas estão numerosos princípios éticos (...), prescrições éticas: a) dê e receba a verdade; b) dê amor ao grupo, e ele retribuirá

amor a você; c) dê espontaneidade e receba espontaneidade (Moreno, 1934/2008, p. 141-142).

Enquanto a sociometria é considerada por Moreno a pedra angular da democracia, a própria sociometria também possui seus elementos essenciais, suas pedras fundamentais. Assim, o sistema conceitual da sociometria possui também, segundo Moreno (2008), duas pedras angulares, ou ainda, dois conceitos universais: “espontaneidade” e “criatividade”. “A sociometria tomou esses conceitos dos níveis metafísico e filosófico, trazendo-os para o teste empírico, por meio do método sociométrico” (Moreno, 1934/2008, p.51).

Moreno (1934/2008) explica que a espontaneidade e a criatividade não são processos idênticos, possuindo categorias diferentes, mas estão sempre em interação. Destaca ainda que no homem a espontaneidade pode ser completamente oposta a sua criatividade, ou seja, pode-se ter um grau elevado de espontaneidade e não ser criativo (é o que ele chama de “idiota espontâneo”); ou ainda, o homem pode ter um grau elevado de criatividade e ser não espontâneo (é o que ele chama de “um criador sem braços”). Assim, a espontaneidade, fazendo parte de um indivíduo dotado de criatividade, ajuda-o a evocar respostas. A criatividade desvitaliza-se sem a espontaneidade. A criatividade é a arqui-substância (pertence à categoria das substâncias) enquanto que a espontaneidade é o arquicatalisador (pertence à categoria dos catalisadores). A operacionalização da interação espontaneidade-criatividade é o processo de *aquecimento*, sendo que os produtos resultantes dela são as *conservas*. Por exemplo:

Deus é um caso excepcional, porque em Deus toda a espontaneidade tornou-se

criatividade. Ele é o único caso em que espontaneidade e criatividade são idênticas (...). O universo é criatividade infinita. A definição visível de criatividade é a criança. A espontaneidade, por si mesma, nunca produzirá uma criança, mas pode ajudar enormemente em seu nascimento (Moreno, 1934/2008, p. 51).

A partir dessas definições, Moreno (1934/2008) entra nos elementos básicos da construção da sociometria, dentre eles, a teoria das relações interpessoais, perante cujo núcleo teórico destaca-se o “encontro”. O “encontro” tem um significado que vai além da simples relação interpessoal. “Significa que dois ou mais atores encontram-se, não somente para se encararem mutuamente, mas para viver e experimentar um ao outro, como atores, cada um à sua maneira” (Moreno, 1934/2008, p. 83). Trata-se aqui de um encontro original, sem intermédio de máquinas ou robôs que tomam o lugar dos atores reais.

Num encontro, segundo Moreno (1934/2008), há um espaço comum onde duas pessoas, coabitam suas forças e suas fraquezas. Pessoas estas que são atores humanos que se movem por meio da espontaneidade, e que estão parcialmente conscientes de seus objetivos mútuos. Somente num encontro existe a formação natural de um grupo, o que origina “uma verdadeira sociedade de seres humanos” (Moreno, 1934/2008, p. 84).

Moreno (1934/2008) relata o exemplo do *profeta* e do autor-escritor. Destaca que o autor de um livro, ao estabelecer uma relação com o leitor, reduz a um mínimo a espontaneidade (contra-espontaneidade) do leitor. Já, na era que antecedeu o surgimento do livro, o profeta – precursor do autor – tinha que se encontrar com seus seguidores num espaço comum e ali comunicar seus pensamentos e ideias. Logo, o encontro propiciava a espontaneidade entre o profeta e os seus seguidores. É justamente esse sentido do

profeta com seus discípulos que Moreno procura perpetuar em sua concepção da Divindade, onde há de fato o espaço para a co-criação. Esse mesmo pensamento foi o que fez Moreno, principalmente no começo de sua vida adulta, abdicar de escrever os seus pensamentos e ir em busca do **encontro** com seus discípulos (Moreno, 1997).

Moreno (1934/2008) menciona que, em seus estudos sociométricos sobre as atrações, repulsões e suas mutualidades, buscou se referenciar na mitologia grega. Três personagens míticos o inspiraram: Eros (deus do amor), Eris (deus da discórdia) e Antero (deus do amor mútuo). Este último, como fator mobilizador de encontro, o qual é limitado por um quantidade relativa e finita de relações com outras pessoas. A estas relações que podem estar em maior ou menor grau, foi criado o termo expansividade emocional.

A “expansividade emocional” de cada pessoa, segundo Moreno (1934/2008), é justamente a capacidade que cada uma tem de estabelecer relações com outras pessoas, sejam elas de atração, repulsão e suas devidas mutualidades. O grupo familiar é o responsável por regular a expansividade emocional da pessoa tanto em sua qualidade, quanto em sua quantidade. Assim, cada pessoa pode ter uma maior ou menor expansividade emocional, ou seja, a capacidade de estabelecer relações com outras pessoas em número e em intensidade.

Moreno (1934/2008) destaca que uma provável aproximação pode ser feita entre o grau de espontaneidade e o nível de expansividade emocional de cada pessoa. Deste modo, quanto maior o grau de espontaneidade, maior seria o nível de expansividade emocional.

Existe alguém a quem sempre atribuímos o poder de expansividade infinita: Deus.

Em nossas religiões, é perfeitamente natural pensar que Deus tem uma relação

privativa com cada pessoa do universo, separadamente. Ele não tem relacionamentos *en masse*; Ele não nos conhece em bloco; Ele nos conhece individualmente. Antes, tínhamos imaginado que um nova-iorquino teria 23,5 bilhões⁸ de relacionamentos somente em sua comunidade. Para Deus, isso não só é possível como necessário e verdadeiro. Será que o homem do futuro será mais parecido com nossa imagem de Deus? (Moreno, 1934/2008, p. 209-210).

Moreno (1934/2008) escreve sobre sua preocupação com o futuro do homem e destaca que, frente ao processo de evolução biológica, a seleção natural tem sido o fator decisivo para a sobrevivência. Entretanto, relata que o homem aprendeu a sobreviver em dois ambientes: o natural e o industrial. No primeiro, há a liberdade como ser biológico e sua função de criador é o elemento mais significativo nesse processo. No segundo, a conserva é o destaque, o que faz com que a liberdade e as funções criativas sejam restritas. O Homem poderia sobreviver nesses dois ambientes, levando sua evolução para caminhos distintos. “Haveria, então, duas possibilidades de sobrevivência para o homem: uma como um *animal zootécnico*, e outra como *criador*. A concepção de Darwin a respeito da sobrevivência do mais capaz adquire aqui um novo sentido” (Moreno, 1934/2008, p. 333). Dois tipos possíveis de evolução poderiam ocorrer com o homem, lado a lado, tal como se fossem duas raças distintas de seres humanos. De um lado o homem, dito zootécnico, dependente do robô⁹ e de todos os seus derivados tecnológicos, e de outro o homem criador, regido pela espontaneidade.

8 O autor se refere ao total de relações possíveis de uma pessoa com sua comunidade, pelo menos em tese. Neste caso, ele se refere à comunidade nova-iorquina da época, que possuía sete milhões de habitantes.

9 Moreno (1934/2008) lembra que **robô** é um termo de origem polonesa, *robota*, que significa trabalhar. O significado que o autor pretende dar à palavra robô é de que, no animal zootécnico tanto o trabalho quanto a destruição estão implicados. O robô é um zoômato, um ser que se emprenha automaticamente, um animal mecânico, produto do próprio homem.

“Sobreviverá”, segundo Moreno (1934/2008), a criatividade. “É a sobrevivência da própria existência humana que está em jogo, não somente dos aptos. Aptos e não aptos estão no mesmo barco” (Moreno, 1934/2008, p. 336). Assim, a ameaça à sobrevivência vem de inimigos comuns a todo o universo humano, que são as conservas culturais e os robôs, tais como as guerras de dimensões globais e suas invenções atômicas de destruição.

Ao escrever sobre as razões pelas quais o homem partiu para as invenções dos robôs, Moreno (1934/2008) menciona que talvez o homem, ao perceber o seu fracasso em atingir a máxima criatividade, então tenha se dividido em duas vontades: a vontade de criar e a vontade de poder. A partir daí, a vontade de ter poder vai contra sua vontade de criar. E, então, o desejo por robôs, em sentido inverso, “talvez seja a mesma razão que nos fez, num período anterior, desejar um Deus para o qual nós fôssemos robôs” (Moreno, 1934/2008, p. 338). O mesmo autor ainda menciona que, na condição de genitores e de agentes criadores, o homem produziu robôs mais perfeitos que seus próprios filhos e, percebendo o seu fracasso pela perfeição em si mesmo, enquanto ser biológico e social, o homem deixou a esperança e passou a investir em zoômatos. Isso faz com que existam enormes “consequências patológicas” (Moreno, 1934/2008, p. 342): o homem vive em função de suas conservas culturais e tecnológicas, valorizando mais o poder e a eficácia, e perde a confiança em sua espontaneidade e criatividade.

Enveredando por suas reflexões acerca da sobrevivência humana, Moreno (1934/2008), ao contrapor a *eugenia* proposta por Francis Galton, que pensava em favorecer ou melhorar as futuras gerações por meio de suas qualidades inatas, propõe uma *sociogenia* “para estudar e preparar as condições do universo, a fim de que todos possam viver e que ninguém seja impedido de nascer” (Moreno, 1934/2008, p. 347). O

mesmo autor escreve que adiar ou impedir os nascimentos foi um aprendizado adquirido pelo homem e questiona o quanto esse aprendizado pode ou não ser perigoso para os dois mais importantes fatores que operam na evolução humana: o fator acaso e o fator espontaneidade-criatividade.

“Em vez de deixar fora do companheirismo o morto e o não-nascido, há uma forma mais elevada de democracia 'bioátrica' e sociométrica, segundo a qual o não-nascido, o vivo e o morto são companheiros” (Moreno, 1934/2008, p. 347). Aqui Moreno entra numa questão que é a possibilidade de inclusão total, onde o próprio controle de natalidade já é um fator de exclusão e de poda da espontaneidade e da criatividade humanas. Para isso, frente às impossibilidades da Terra fornecer suprimentos para uma quantidade infinita de seres humanos, a morte dos mais velhos também seria uma possibilidade mais justa (democrática) de se fazer possível o nascimento de todos para que também possam viver e manter a espontaneidade global. Deste modo,

(...) o princípio da democracia sociométrica e sociogênica é uma comunidade cuja igualdade de direitos refere-se a três classes de pessoas: aos não-nascidos, ao vivo e ao morto. Todos os homens são igualmente não-nascidos até que nasçam. (...) Desse modo, uma nova avaliação pode decorrer do sentido do velho mito apregoado em uníssono por todas as grandes religiões; o mito do pai que criou o universo para todos, que fez os espaços tão imensos que todos podem nascer, todos podem viver (Moreno, 1934/2008, p. 348-353).

Neste ponto de suas reflexões, Moreno (1934/2008) se depara com questões fundamentais da sobrevivência da humanidade. Ele leva em consideração fatores

condizentes com seus pensamentos teológicos, onde a criatividade é um elemento tão importante quanto o acaso genético. Assim, a criação torna-se uma necessidade a ser preservada e cultivada.

Há, neste olhar bioátrico e sociométrico proposto por Moreno (1934/2008), um princípio fundamental: o “amor ao mais próximo”. Trata-se de uma ordem axionormativa na qual existe a necessidade de “aceitação” da pessoa que esteja mais próxima, buscando-se viver numa harmonia global. Assim, para Moreno (1934/2008), o amor recíproco torna-se uma condição para o estabelecimento de uma relação espontâneo-criativa entre as pessoas que mantêm alguma proximidade física.

Questionamos, nos dias atuais, devido às novas tecnologias de telecomunicação, o quanto se faz necessária essa proximidade física proposta por Moreno (1934/2008) para que se estabeleçam relações de amor mútuo e, conseqüentemente, dele derive o fenômeno “tele”. A pergunta seria: posso amar e ser amado por aquele que está a quilômetros de distância, mas que me comunico por meio da *internet* por imagem e som? Ao falar sobre os sistemas de retroalimentação comunicacional proporcionados pelo telefone, Moreno (1934/2008) destaca que, mesmo nesses casos, seria uma simplificação muito grande aproximar para o campo das relações humanas espontâneas fenômenos de condução mecânica (como o sistema telefônico).

3. Deus e Moreno – uma Ideia Fixa

Entre os anos de 1908 e 1914 havia um homem que tentou ser Deus. Ele movimentou os pensamentos de seus contemporâneos. “Tinha seus apóstolos, seu Evangelho, seus Livros Apócrifos. Os livros religiosos nos quais sua doutrina era exposta tinham reverberações profundas por todo o mundo intelectual” (Moreno, 1997, p.21). Guerras e revoluções fizeram parte deste período gerando profundas marcas nos caminhos da história (Blainey, 2010) e da vida de J. L. Moreno. Muitos dos que o acompanharam neste período se dispersaram ou morreram, tornando-o “um Deus só” e com poucos seguidores (Moreno, 1997).

O contexto histórico local, regional e mundial no qual viveu J. L. Moreno é um fator de grande relevância para nossa discussão acerca de seu fascínio pela ideia de Deus. O início do século XX estava permeado por uma série de impérios espalhados pelo globo (Hobsbawm, 2009; Blainey, 2010). Neste período, a Europa possuía grande hegemonia, com boa parte de seus países possuindo colônias espalhadas por todos os continentes do globo terrestre. As ideias de democracia e de liberdade espalhavam-se cada vez mais, mesmo dentro de nações monárquicas e com grande quantidade de colônias dominadas.

O Império Austro-Húngaro¹⁰ – onde Moreno viveu sua adolescência e início da vida adulta, mais especificamente em Viena –, neste período, estava repleto de uma intelectualidade heterogênea, bem como permeado por uma diversidade sócio-cultural de regras, costumes, línguas e povos. Tal qual uma Babel em ruínas, era o palco ideal para o nascimento e a atuação de um novo profeta, ou mesmo, de um novo messias.

Os conflitos sucessivos que desencadearam a Primeira Guerra Mundial geraram

¹⁰ O *Império Austro-Húngaro* foi um grande Estado europeu, resultante de um compromisso das nobrezas austríaca e húngara, firmado em 1867. Com capital principal em Viena, foi dissolvido em 1918 – como consequência da Primeira Grande Guerra. O império se dividiu e hoje compõe mais de uma dezena de países, como Áustria, Hungria, República Checa, Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, além de regiões que fazem parte da Sérvia, Montenegro, Itália, Romênia, Polônia e Ucrânia (Hobsbawm, 2009).

efeitos secundários importantes na vida social das pessoas. Diversas famílias e etnias migraram sem rumo, neste período, ou por serem expulsas de suas casas e lares, ou por viverem em ambientes insalubres e com altos níveis de desemprego (Blainey, 2010). Moreno (1997) relata que o convívio com os diversos grupos de pessoas migrantes e excluídos sociais teve profunda influência na formulação dos princípios de seu pensamento teológico e da sociometria, a qual entendia como sendo a ciência da democracia e a esperança para a liberdade social (Moreno, 1934/2008).

Moreno descreve a sua experiência de tornar-se Deus como uma “experiência cósmica” que o transformou profundamente e que veio numa época em que vigorava o ateísmo e o agnosticismo e onde havia um orgulho do senso de “ausência de Deus”. Moreno mesmo questiona-se sobre qual propósito haveria em um homem talentoso e educado como ele entrar em uma “empreitada absurda e bizarra” como esta, de tornar-se Deus (Moreno, 1997, p.22) num período em que o próprio Deus estava enfraquecido.

Moreno (1997) relata que sua mãe mantinha uma aproximação um tanto confusa com a religião, visto que ela estudou em um convento católico, apesar de ser judia. Além disso, era bastante supersticiosa e procedia com leituras da sorte e interpretações dos sonhos. Também jogava cartas de tarô. Ela costumava fazer previsões dos acontecimentos cotidianos e globais, passando dos nascimentos às mortes, e das guerras às previsões do tempo e ensinando tais atividades aos seus filhos, inclusive Moreno quando era criança.

Moreno (1997) destaca que seu fascínio por Deus surgiu já em sua tenra infância, por volta dos seus quatro anos de idade, quando entrou em contato com a Bíblia e em especial com o livro do *Gênesis* quando começou a frequentar a escola bíblica sefardita. Ainda, na mesma época, também aprendeu com a criada de sua casa, Piroshka, os

processos de urinar e defecar, bem como a continuação desses processos para a natureza.

Ela (Piroshka) me explicou que a urina vai para a água, para o rio, para o lago. As fezes vão para o solo, para dentro da terra e para as colinas em redor. Deu-me um profundo respeito, não somente por ela, mas pelos eventos cósmicos primitivos e por meu lugar no Universo (...). A mais “famosa” pessoa do Universo era Deus, e eu gostava de estar ligado a Ele (Moreno, 1997, p. 27).

Pelo menos em dois momentos de sua obra – em sua *Autobiografia* (Moreno, 1997) e em seu *Psicodrama: volume I* (Moreno, 1978) –, J. L. Moreno cita o episódio em que pela primeira vez se tornou Deus e em que, também pela primeira vez, aconteceu uma sessão psicodramática: “O psicodrama do Deus derrubado” (Moreno, 1997, p. 28). Neste momento de sua vida, aos quatro anos de idade, reuniu-se com seus amigos em um momento em que os pais não se encontravam em casa, e propôs uma brincadeira na qual havia os personagens “Deus e Seus anjos”. Moreno assumiu o papel de Deus e seus amigos, os de anjos. Logo estava montado o cenário, com cadeiras empilhadas sobre uma grande mesa até chegarem próximas ao teto da sala em que se encontravam – ali representando o céu. Após o início da brincadeira, os anjos perguntaram a Deus por que ele não voava, então Deus (Moreno), no topo das cadeiras (céu), abriu os braços e tentou voar. Instantes depois, Moreno se viu no chão, com seu braço direito quebrado.

Durante a adolescência, Moreno mantinha uma relação com sua família de forma que seus irmãos evitavam lhe chamar pelo primeiro nome, chamando-o apenas de você. Moreno (1997) destaca que tal comportamento aproximava-se em muito do que acontecia

na religião judaica para se referir a Deus.

O nome de Deus não era para ser usado, aparentemente a fim de manter uma distância majestosa entre o Deus Todo-Poderoso e o homem comum. No processo de tornar-me um profeta, eu esperava que as pessoas assumissem para comigo o mesmo tipo de procedimento que se supunha terem com o Todo-Poderoso... (Moreno, 1997, p. 37).

Moreno buscou a ideia de anonimato – “o anonimato do Todo-Poderoso”. A lógica para esta atitude é descrita pelo próprio Moreno (1997) da seguinte forma: se a presença de Deus é absoluta, sua falta de nome é uma consequência lógica, visto que aquele que está sempre presente não precisa ser nomeado.

Durante a adolescência, Moreno fez leituras intensas sobre religião, filosofia e estética. No campo religioso, destaca que suas leituras se basearam nos escritos do Velho e do Novo Testamento, dos “santos Paulo, Agostinho, Orígenes, Benedito, Francisco, em mestre Eckhart, Ângelus Silesius, Friedrich Novalis, o Apócrifa, o Sohar e Jezirah, Blaise Pascal” (Moreno, 1997, p. 40). Já, no campo filosófico, relata que suas leituras se basearam nos escritos de Sören Kierkegaard, Spinoza, Descartes, Leibnitz, Kant, Fichte, Hegel, Marx, Schopenhauer e Nietzsche. Entre os romancistas encontravam-se Dostoiévski, Tolstói, Walt Whitman e Goethe.

Conforme o seu próprio relato, Moreno (1997) adotou uma profunda oposição aos escritores que lia, não por aquilo que escreviam, mas justamente por irem, em seus atos, muitas vezes de forma contrária ao que escreviam. Tratava-se de uma oposição violenta aos seus comportamentos como indivíduos, pois justamente eles deveriam ser os representantes dos valores que descreviam em seus livros. “Nenhum deles irrompeu do

livro para a realidade” (Moreno, 1997, p. 41).

Moreno (1997) escreve que a Cabala lhe chamou a atenção de modo significativo durante seu tempo de estudante. “O dogma central da Cabala – de que toda a criação é uma emanção da divindade e que a existência da alma é eterna – juntou-se com a minha concepção original do livro do Gênesis” (Moreno, 1997, p. 41) em que no princípio Deus criou céu e a terra.

Tal como Jesus, Buda e São Francisco, Moreno (1997) afirma que via a si próprio com uma história semelhante à deles, onde saíram cedo do lar a que pertenciam e foram seguir uma vida de abdicação na busca por um genuíno sentimento de pertencer. Nesse tempo, 1908, em Viena, “deixei crescer a barba, larguei a escola, e comecei uma vida errante” (Moreno, 1997, p.42), na qual Moreno juntou-se com um grupo de pessoas com igual pensamento, ajudando pessoas de diversos países que ali chegavam e o buscavam, solicitando algum auxílio.

Moreno (1997) destaca que sua postura de tornar-se Deus era, mesmo que de forma não sabida por ele, tal qual um enredo a ser vivido de modo a suplementar a realidade a qual vivia. Era o drama a ser dramatizado. O profeta (protagonista) com seus apóstolos (egos-auxiliares). O profeta (protagonista) conduzido pelo próprio Deus (diretor). “O psicodrama de minha vida precedeu o psicodrama como método” (Moreno, 1997, p. 44). Ele relata ainda que a vivência dessa experiência *Divino-psicodramática* o tornou mais livre para criar e agir e que isso o fez sistematizar o psicodrama, para que o mesmo pudesse ser vivido também por outras pessoas.

Eu tinha uma **ideia fixa** (grifo nosso) que um só indivíduo não tinha autoridade, que ele devia se tornar a voz de um grupo. Tinha que ser um grupo, a nova palavra

deveria surgir de um grupo (...). Minha nova religião era a religião do ser, da autoperfeição. Era a religião da cura e da ajuda, pois ajudar era mais importante que falar. Era a religião do silêncio. Era a religião de fazer alguma coisa por ela mesma, sem prêmio, sem reconhecimento. Era a religião do anonimato (...). A ideia fixa tornou-se minha constante fonte de produtividade. Ela proclamou que há uma espécie de natureza primordial que é imortal e retorna renovada a cada nova geração, um primeiro universo que contém todos os seres e no qual todos os eventos são sagrados (...). Decidi que a ideia fixa deveria permanecer como meu guia. Por essa razão, sempre que entrava numa nova dimensão de vida, percebia ante mim as formas que vi no mundo virginal. (Moreno, 1997, p. 47-52).

Em seu livro *O Teatro da Espontaneidade*, Moreno (1923/1984) traz as ideias de Deus, *self* e liberdade, frutos de sua ideia fixa. Sua produtividade intelectual estava voltada para a articulação conceitual de uma espécie de natureza primordial e imortal, da qual todos os seres compartilhavam e se alimentavam, renovando-se assim em algo que considerava sagrado. Para ele, esse algo se materializava no *self* espontaneamente criativo.

Entretanto, Moreno (1923/1984) neste mesmo livro, destaca que o *self* historicamente sofreu uma cisão, na qual esse elemento sagrado-Divino fora retirado do homem, o que acarretou na morte do próprio *self*, do próprio homem criador. Assim, o resgate da espontaneidade também seria o resgate do próprio Deus na constituição do *self* humano, gerando assim um universo total e autointegrador, a despeito do universo cindido e desintegrado no qual o homem se encontra quando não há a presença do sagrado-Divino.

Desta forma, levando-se em consideração o *self* do homem, que é permeado pela Divindade autointegradora de um universo total, gera-se, então, neste homem, o “ponto de vista do criador”, que nada mais é do que a pura experiência da liberdade.

Moreno (1997) relata que presenciou em muitos momentos de sua vida, exemplos vivos da cisão entre o Divino e o homem, dentre os quais, entre os anos de 1908 e 1914, o surgimento do movimento Nacional Socialista que deu origem ao Nazismo, ainda em seu estado embrionário, sentindo já os seus efeitos no meio universitário, presenciando conflitos e brigas entre os judeus e alemães nacionalistas na Universidade de Viena. Destaca que chegou a conhecer e a conversar com Hitler ainda quando este se aventurava pela pintura e pelas artes. Moreno (1997) menciona, ainda, que também presenciou muitas reuniões de representantes do Comunismo, líderes do movimento bolchevista russo, em especial Leon Trotsky com o qual trocou algumas palavras.

Já, um outro movimento que também estava em ascensão neste período, mas que aparentava aproximar-se mais de suas reflexões, era o *Existencialismo*, com o qual comungava em muito de suas ideias e seus princípios. Moreno relata que

(...) o primeiro princípio desse grupo era a “inclusão total” de ser e o esforço constante, momento a momento, em manter o seu fluxo natural, espontâneo e ininterrupto de existência. Nenhum minuto podia ser ignorado porque cada minuto fazia parte do ser. Nenhuma parte podia ser desprezada porque toda parte era parte do ser e não havia nenhum outro ser. O seu segundo princípio era a bondade, a bênção natural de todas as coisas existentes. Havia a ideia de “momento” (*Augenblick*), não como função do passado nem do futuro, mas como uma categoria em si mesma; a ideia de “situação” (*Lage*) e os desafios dela

procedentes; as ideias de espontaneidade e criatividade como processos universais de conduta, contrariando os clichês das conservas éticas e culturais; e acima de tudo a ideia de urgência, a urgência de sua experiência imediata... (Moreno, 1997, p. 64).

No mesmo período em que entrava em contato com o Existencialismo e que também comungava com suas ideias, Moreno (1920/1992) relata que estava desenvolvendo um esquema existencial, estruturado a partir do próprio Deus, em que a essência da existência é fome por criar, visto que o Universo é criação pura e está em constante desenvolvimento. Logo, toda criação também cria, tal qual o Universo, a sua própria existência. Trata-se aqui de uma corrente dinâmica de criatividade.

Moreno (1997) ainda afirma que, antes mesmo de ter começado a escrever sobre os seus pensamentos, assumiu uma postura de ação para aquilo que acreditava e exemplifica isso da seguinte maneira:

Será que Deus iniciaria o mundo escrevendo um livro? Será que Ele começou a criação do mundo escrevendo o Gênese¹¹? O que vem primeiro? Como se comportaria Deus se tivesse de recriar o mundo? (...) Se Deus voltasse ao mundo?, Ele não viria encarnado como um indivíduo, mas sim como um grupo, um coletivo (Moreno, 1997, p.69. Grifos nossos).

Moreno (1997) menciona que é justamente nesse clima de reflexões sobre a

¹¹ Devemos ressaltar ao leitor que, em diversos momentos das obras aqui consultadas, Moreno faz uso de elementos e passagens bíblicas para explicar ou dar maior sentido para seus argumentos lógicos. Outro exemplo disso é quando Moreno faz uso da história contada no livro do Gênesis sobre os sete anos magros e os sete gordos anos, quando se refere à possibilidade da capacidade de reprodução do ser humano também vir a diminuir enquanto espécie, no momento em que discute as possibilidades de crescimento da população e as previsões de escassez de alimento (Moreno, 2008, p. 348).

Divindade e de contato com o existencialismo que, juntamente com Chaim Kellmer, entre os anos de 1908 e 1914, cria a “religião do Encontro”, que tinha como princípio o anonimato, o amor, a doação e um sentimento e atitude de vida em comunidade com quem quer que fosse. A concretização da “religião do Encontro” se deu com criação da *Casa do Encontro*, que se mantinha por meio de doações feitas por anônimos.

Segundo Moreno (1997), a experiência que teve com a “religião do Encontro” lhe permitiu formular e seguir três princípios básicos:

[1 –] a espontaneidade e a criatividade são as forças propulsoras do progresso humano (...). 2 – o amor e o compartilhamento mútuo são princípios de trabalho indispensáveis e poderosos numa vida em grupo (...). 3 – que uma comunidade superdinâmica¹² baseada nesses princípios possa ser realizada através de novas técnicas... (Moreno, 1997, p.68).

A despeito da criação de sua “religião do Encontro”, Moreno (1992) relata que esta lhe forneceu os elementos básicos de sua teologia, a qual se constitui como uma “ciência da Divindade”, na qual aborda Deus por si só, sem existir uma religião em específico. É a partir daí que Moreno denomina suas ações e reflexões como provenientes de uma “filosofia da Divindade”. Surge daí sua noção de *momento*, elo fundamental para a compreensão da dinâmica do homem espontâneo criativo, criador e criatura do Universo Divino.

Notamos com frequência que, nas obras de J. L. Moreno (1978, 1984, 1992, 1997 & 2008), existem inúmeras menções a Deus e Suas outras denominações tais como

¹² Moreno se refere ao seu sonho de criar uma nova sociedade, chamada por ele aqui de comunidade superdinâmica, a qual se constitui guiada pelos princípios da espontaneidade, criatividade, amor e compartilhamento mútuo, princípios estes organizados pelo método e técnicas psicodramáticos.

“Mestre Divino”, “Divindade”, “Pai-Deus”, principalmente quando Moreno busca definir conceitualmente *espontaneidade*, *criatividade* e *encontro*. Tal conduta visualizada nos escritos de Moreno é indicada por ele como necessária para o real entendimento destes conceitos. Não se trata de uma falta de argumentações científicas ou mesmo de um assunto não científico. Moreno (2008) busca justamente uma integração diferenciada entre as ciências sociais de sua época e sua nova concepção teológica. Moreno relata que a origem de seu trabalho veio das religiões primitivas e destaca que o seu objetivo era o de uma nova ordem social e cultural. Acrescenta ainda que todas as inspirações para seus métodos e técnicas surgiram direta ou indiretamente dos seus pensamentos sobre o “Mestre Divino”, bem como do princípio da Sua gênese. Um exemplo disso é o modelo científico proposto por Moreno (1997) que mantém uma objetividade adequada para as ciências sociais. Assim, o pesquisador social inspira-se na ideia de Mestre Divino pois traz a noção de um ser que sabe e sente o Universo, pois o criou; “um ser ilimitado em Sua capacidade de penetrar todas as facetas do Universo e ainda ser inteiramente livre de tendências” (Moreno, 1997, p. 99).

A partir do momento que Moreno (1997) pensa no processo da criação Divina, ele chega a duas hipóteses sobre uma ordem universal axionormativa do Cosmos: 1 – hipótese da proximidade espacial e; 2 – a hipótese da proximidade temporal. A *hipótese da proximidade espacial* diz que “quanto mais próximos dois indivíduos estão um do outro no espaço, mais eles devem sua prioridade de amor um ao outro, uma pronta atenção e aceitação” (Moreno, 1997, p. 70). Já, a *hipótese de proximidade temporal* diz que “a sequência da proximidade em tempo estabelece um ordem precisa de atenção social e veneração conforme um ‘imperativo temporal’” (Moreno, 1997, p. 70).

Estas duas hipóteses permitiram, segundo o relato de Moreno (1997), desenvolver

o sistema sociométrico enquanto um sistema Cósmico no qual o supersociometrista é Deus. Nesse sistema, Moreno (1997) menciona que Deus, não só foi Aquele que distribuiu para cada partícula do Universo um pouco de sua espontaneidade e criatividade, como também Se fez dependente de cada ser. Como contrapartida, tornou todos os seres também dependentes Dele. “A distribuição de Sua espontaneidade e criatividade O tornou sócio e igual” (Moreno, 1997, p. 71). Assim, Moreno criou um modelo de Deus no qual todos – criador e criatura – coexistem e são corresponsáveis pela criação.

Este modelo Divino corresponde justamente à Sociometria, que Moreno (1934/2008) considera como a ciência da democracia¹³. Democracia que somente se estabelece via *mutualidade*, via o *encontro* das pessoas que coabitam seus elementos fortes e frágeis, via o amor mútuo destas pessoas – um fenômeno tele.

Chama-nos a atenção o fato de que Moreno, ao iniciar a apresentação de um conceito de sua autoria tal como o de “tele”, transita ora por argumentações teológico-filosóficas, ora por argumentações científico-evolucionistas.

Parece válido como hipótese de trabalho, assumir que por detrás de todas as interações sociais e psicológicas entre as pessoas, devem ter existido em algum momento, e ainda existem, dois ou mais órgãos fisiológicos para o estabelecimento de reciprocidades, que interagem entre si (Moreno, 1934/2008, p. 247-248).

E continua:

¹³ É, no mínimo, interessante relatarmos ao leitor que, justamente nesta época em que se discutem questões relativas à democracia, Moreno também esteja em um país permeado pelos ideais democráticos, que é os Estados Unidos da América (EUA). Moreno migrou para os EUA em 1925 (Marineau, 1992), tal qual inúmeras outras pessoas de origem germânica, e acompanhou todo o período da crise de 1929 e os efeitos da recessão norte americana nos anos seguintes (Lukacs, 2006).

Entretanto, minha tendência é concluir que, para ser mobilizado, o tele necessita de um catalisador, tal como a espontaneidade¹⁴. A relação da espontaneidade com a criatividade tem, aqui, um paralelo – o tele é 'criatogênico'. Análogo à unidade biogenética – o gene – pode-se conceber o tele como uma unidade sociogenética, de modo que se facilite a transmissão de nossa herança social” (Moreno, 1934/2008, p. 264).

Moreno (1934/2008), mesmo reconhecendo o elemento sociogenético *tele*, declara que a sociometria vai na contracorrente de qualquer evolução dita natural. Ela – a sociometria – entende esse processo como sendo natural e procura estudá-lo para interferir nos processos *tele* na busca por um bem maior à humanidade. E esse bem maior é regido pelo princípio de que “o homem deve tomar seu destino e o destino do universo em suas mãos, à altura da criatividade, como um criador” (Moreno, 1934/2008, p. 342).

¹⁴ Lembramos ao leitor, apenas para a compreensão do parágrafo, que a espontaneidade possui um caráter Cósmico integrador. Diz respeito ao potencial para a criação. “Deus é pura espontaneidade” (Moreno, 1992, p. 29).

4. O Psicodrama de Moreno enquanto uma busca por Deus?

É importante que retomemos os elementos iniciais e centrais deste trabalho para que possamos discorrer sobre esta fase final. “*O Sentido de Deus na Obra de Jacob Levy Moreno: Uma leitura de seus primeiros escritos*” é o título deste trabalho e procura sintetizar o motor propulsor deste estudo. Que Deus é esse para J. L. Moreno?

Nas três obras pesquisadas neste trabalho, e também em sua *Autobiografia*, Moreno é claro e direto ao afirmar que todas as suas iniciativas científicas no campo da psicoterapia possuíam uma grande tendência religiosa, mas não especificamente de uma religião (Moreno, 1920/1992, 1923/1984, 1934/2008, 1989/1997; Fonseca Filho, 1980; Nudel, 1994). Havia uma série de influências religiosas em sua vida, em especial do judaísmo e do catolicismo, mas mesmo estas não foram as únicas. Moreno assimilou de modo sintético uma ideia de Deus, como se essa ideia fosse um guia, o que muitas vezes ele chamou de “ideia fixa”. Havia um Deus e disso ele não duvidava, mas sua compreensão sobre o Mestre Divino diferia daquilo que até então ele havia entrado em contato em seu aprendizado. Talvez fosse um iluminado, ou mesmo ou louco. Neste caso, a linha é tênue. Loucura e profetismo estão num mesmo barco onde talvez todos nós possamos também estar.

O fato é: Moreno tinha uma “ideia fixa” que tanto era seu guia, quanto seu alvo e sua meta. Deus era o princípio e o fim de sua vida e obra. Esta “ideia fixa” presente em Moreno, alimentava um sonho e uma vontade de concretizar o próprio Pai-Deus não só nele mesmo, mas em todas as pessoas, ao ponto que desta concretização Divina existisse um elo de união entre as pessoas capaz de lhes imbricar um amor Divino, repleto de aceitação e cooperação.

Assim, Moreno defendia a tese de que Deus deveria estar presente, não nessa ou

naquela igreja, mas em todas as dimensões da vida humana, em todos os contextos de conectam uns aos outros. Onde houver pessoas, que ali também existisse a presença do Mestre Divino.

Para Moreno, é justamente a ideia de Deus que torna possível o ato de criar. Moreno relata que enquanto existirem coisas para serem criadas, a ideia de Deus deve perpetuar. E, como o Universo é pura criação, e a própria criação também cria num ciclo eterno de criação, então Deus jamais poderá deixar de existir. O homem talvez possa deixar de existir, mas não a ideia de Deus.

Logo, surge-nos uma questão, que no início deste trabalho era uma desconfiância: Seria possível compreender e articular a teoria moreniana, claramente baseada nas noções de espontaneidade e criatividade, sem levarmos em consideração o entendimento e a assimilação da noção de Deus? O que nos parece, e com bastante segurança podemos afirmar, visto o que foi estudado e articulado sobre as três obras iniciais de Moreno é que a compreensão de Deus é um fator decisivo e central para todo o pensamento moreniano, sem que este precise ser levado a um patamar místico e não científico.

Podemos ainda fazer outras compreensões sobre o pensamento moreniano no que se refere à Divindade. Ela nos remete à possibilidade de uma grande discussão a respeito de uma ética moreniana. Ética, aqui, entendida como “o bem, a ação correta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha” (Blackburn, 1997, p.129) que vem do termo grego *ethos* (caráter). Ora, pois, que o seguinte pensamento talvez tenha habitado J. L. Moreno: Quem seria mais virtuoso, correto em suas ações, racional, livre e dono de suas próprias escolhas do que o próprio Deus? – Se, talvez não por esse pensamento, mas por suas ações em vida e, dentro delas, seus trabalhos científicos –

Moreno com certeza trouxe elementos éticos a serem discutidos constantemente em seu trabalho. Suas condutas e seus trabalhos científicos foram guiados por uma ideia fixa, por um princípio norteador constante, algo que o fez caminhar na direção do Existencialismo, da religião do Encontro, do Teatro Espontâneo, e em direção ao Psicodrama e à Sociometria; algo que o fez ir na contracorrente de muitos pensamentos de sua época. Ora, a ideia do Mestre Divino o fascinava e o guiava constantemente, e era justamente a compreensão e manutenção desta compreensão sobre o Mestre Divino que fez com que Moreno seguisse por esses caminhos.

Já mencionamos que Moreno (2008) considera a sociometria como sendo a ciência da democracia, compreendendo-a como a ética social por excelência. Moreno também é muito claro ao dizer que a sociometria é a sistematização de toda a sua ideia fixa e de todos os seus princípios fundamentais, em especial, os de espontaneidade e criatividade, que são a base para todos os outros construtos teóricos desenvolvidos por ele. Também por essa reflexão, podemos afirmar com bastante segurança que Deus está na condição de princípio ético de toda a sua obra.

E é nesse sentido de uma busca pelo Pai-Deus que Moreno também trava um debate ético quando fala do dilema entre ser *zootécnico* e o ser *criador*. Ele argumenta que o ser zootécnico e o sonhador eugênico, em contraposição ao ser criador, compartilham de um mesmo propósito, que é o de acelerar e de substituir o lento processo da natureza. Moreno comenta que a possibilidade da eugenia, dentro dos processos tecnológicos, vem como uma

(...) promessa de extrema felicidade para o homem. O sonhador eugênico vê a raça humana tão modificada ao longo do processo reprodutivo, no futuro distante, que

todos os homens nascerão bem, o mundo será povoado por heróis, santos e deuses gregos; tudo seria feito com a utilização de determinadas técnicas, com a eliminação e combinação de genes (...). Se isso realmente acontecesse, o mundo seria ao mesmo tempo glorioso e belo, à semelhança de Deus, mas seria alcançado ao preço do homem enquanto um ser intrinsecamente criador. Como no mito de Siegfried, haveria um ponto vulnerável em que entraria o temor da morte, um mundo trágico, um mundo em que a beleza, o heroísmo e a sabedoria seriam obtidos sem esforço, em que o herói buscaria a mais alta recompensa – a oportunidade de elevar-se da mais humilde origem até o nível supremo (...). Isso nos remete à questão da essência da criação: se ela termina na concepção ou, ou se ela continua (ou pode ser continuada) depois do nascimento” (Moreno, 1934/2008, 334).

A discussão feita por Moreno entre a eugenia e os seres zootécnicos frente ao ser criador diz respeito à forma como se dará a continuação e a evolução da espécie. Segundo ele (Moreno, 2008), a discussão vai para além da sobrevivência dos capazes e da destruição dos incapazes, mas sim para a sobrevivência do criativo, do flexível e do espontâneo. Para Moreno, todos são criadores e a sobrevivência depende do treino e do desenvolvimento da espontaneidade a qual é catalisadora da criatividade. Assim, todos devem sobreviver, os nascidos e os não nascidos, pois todos possuem o potencial espontâneo criativo.

Moreno (2008) compreende que é necessário desenvolver uma sociedade que seja capaz de integrar a totalidade (100%) da população, na qual cada pessoa pertença espontaneamente, de modo criador e mobilizador da própria sociedade, pois 99,9% da

sociedade integrada já não seria o suficiente – já abriria uma brecha para o excluído, para o que “cria” sozinho em detrimento dos demais. O excluído não seria corresponsável pela criação do cosmos.

Um 'único' indivíduo que ficasse fora poderia voltar a ser o *cientista criminoso* singular, que usaria formas de destruição letal, não contra um ou outro companheiro (Caim contra Abel), não um grupo étnico contra outro (racismo), mas contra a espécie humana, contra o mundo como um todo (Moreno, 1934/2008, p. 342).

Foi justamente pensando na inclusão total da humanidade para que ela, então, se preserve, que Moreno pensou numa ciência que incorporasse o princípio ético do Criador, um ciência que buscasse a inclusão para o ato da criação e a necessária corresponsabilidade com o Universo. Assim, o lema de um governo que fosse do povo, pelo povo e para o povo seria amparado por uma ciência do povo, pelo povo e para o povo. A sociometria seria esta ciência e seria a base de uma ética social perante cujos princípios estão a noção de amor, reciprocidade e espontaneidade.

Enquanto uma proposta de epistemologia, neste trabalho pudemos entrar em contato com as visões de mundo e de homem presentes no pensamento moreniano, nas quais a ideia de Deus é um elemento fundamental. Sobre a visão de mundo, Moreno entende o Universo como fonte e, ao mesmo tempo, produto da criação Divina. Tudo é regido pela compreensão da Divindade. E, sobre a visão de homem, este é considerado parte da criação e tão criador quanto Deus. O homem e Deus são sócios e parceiros na criação do Universo. Podemos, assim, sintetizar que o homem espontâneo criativo

também é o homem Divino.

Em suma, podemos por ora tecer alguns comentários finais, a título de abertura de novos roteiros e de novos caminhos para a exploração do universo da teoria e da obra moreniana. Quanto ao *sentido* da utilização do conceito de Deus para J. L. Moreno em suas primeiras obras, observamos que Deus tem um sentido integrador, dinâmico, espontâneo e criador, e se refere a todo um princípio ético do pensamento moreniano, sendo o condutor, enquanto uma ideia fixa, de suas (Moreno) lógicas de pensamento, de suas condutas e de suas criações, tais como o Teatro da Espontaneidade, o Psicodrama e a Sociometria.

Sobre o entendimento e a discussão dos escritos iniciais de Moreno à luz do seu *pensamento referenciado na ideia de Deus*, entramos em contato com um homem permeado pela fé e pela religiosidade, tanto no que se refere aos raciocínios apresentados em seus escritos, quanto no que se refere aos exemplos dados por ele para ilustrar suas reflexões teóricas e práticas. Questionamo-nos, neste ponto, sobre este homem que aqui, de certa forma, estudamos, se seria ele permanentemente (relativo à conserva) louco, ou permanentemente incompreendido perante os loucos excluídos do processo da criação?

Quanto a rever o *conceito de Deus* frente a alguns elementos da base teórica moreniana, concluimos que estes não precisam de nenhuma revisão de sua base, mas sim, que se fazem necessários ao leitor perante uma maior compreensão e uma maior atenção ao que Moreno escreve sobre o Mestre Divino. Podemos, então fazer um breve relato em busca de possíveis conclusões, ou mesmo reflexões: Deus é espontaneidade, Deus é criatividade e Deus *está* no momento. Tais afirmações nos impelem a levantar alguns outros questionamentos para possíveis novos estudos. Seria interessante um

estudo complementar e, provavelmente, muito mais amplo do que esta dissertação, no que se refere às discussões feitas por Naffah Neto (1979) quanto a sua revisão dos conceitos epistemológicos de espontaneidade, criatividade e momento. Naffah Neto (1979) buscou amparar-se nas argumentações de Freud, Bergson, Marx e outros para rever as afirmações do próprio Moreno sobre tais autores no que concerne aos seus estudos teóricos e, a partir daí e das contradições apontadas nas argumentações dos escritos morenianos, apontou novas compreensões sobre esses conceitos. Há, entretanto, uma distância histórica entre estas reflexões de Naffah Neto (que datam do ano de 1979), e os textos autobiográficos de Moreno, publicados em língua inglesa no ano de 1989, quinze anos após sua morte e dez anos após esta publicação de Naffah Neto. Talvez o acesso a esses escritos de Moreno pudesse atender a algumas provocativas e interessantes inquietações de Naffah Neto quanto à espontaneidade, a criatividade e o momento. Provavelmente muitos embates teóricos seriam necessários para promover este diálogo, visto que, aqui neste trabalho, a compreensão das bases da espontaneidade e da criatividade se fazem completas e integradas sob o olhar do Mestre Divino que foi proposto pelo próprio Moreno.

Assim sendo, seria, de fato, importante e necessário para o leitor que visa adentrar no mundo psicodramático, entrar em contato com os textos morenianos relacionados à compreensão da Divindade, os quais se encontram, em seus livros, artigos e panfletos – estes panfletos, na sua maioria ainda não traduzidos para o inglês. O livro *As palavras do Pai* parece ser o berço de todo o esse pensamento moreniano de cunho teológico, mas que só se faz entendível e proveitoso na medida em que o leitor percorre os demais livros de sua obra. Talvez ainda, um maior aprofundamento possa ser realizado no momento em que os escritos panfletários de moreno venham a ser traduzidos e a ser devidamente

publicados, permitindo assim um maior acesso e uma maior reflexão e crítica à sua obra.

Por fim, gostaríamos de fechar com a citação do último texto escrito por J. L. Moreno, em 1972, e que também está presente em sua *Autobiografia* (Moreno, 1997), e que retrata de modo sintético sua vida, sua obra e sua ideia fixa, a saber:

Estou profundamente ciente de mal haver tocado concretamente no Pai-Deus. Tenho permanecido amorfo como Deus vivo. Não quero diminuir nem minimizar os esforços que fiz durante os anos de formação de minha adolescência, quando quase perdi a vida e quase evaporei para o além, não por doença, mas por saúde¹⁵. Falhei tão intensamente em modificar o momento segundo as necessidades do mundo. A esperança sumiu do rosto dos homens. Nossa juventude está perplexa. Muitas crianças são impedidas de nascer devido a desvalorização do nascimento e da vida. É nas últimas calamidades que o fracasso é visível¹⁶. Devo humildemente admitir que minha megalomania está abalada. Nada restou, senão a coroa e o trono. O corpo está morto.

Meu fracasso em tornar-me concreto não aconteceu sem prêmios e sucesso limitado. Todas as minhas tentativas científicas no campo da psicoterapia tinham fortes tendências religiosas por trás. A fim de tornar conhecidas as notícias de minhas descobertas e para demonstrar os benefícios que as pessoas podiam obter delas, fiz viagens pelo mundo todo. Nessas viagens, encontrei em Zerka, minha mulher, uma parceira insuperável. Cada sessão de terapia de grupo e psicodrama foi um encontro de vida. As pessoas vinham com seus problemas para nos encontrar. Seria difícil enumerar todos os lugares que visitamos, (...) Eles

15 Neste trecho, ele se refere aos períodos de atuação do papel de Deus – o *Godplayer* – no qual permaneceu mergulhado por longos períodos.

16 Refere-se à Segunda Guerra Mundial e às guerras que posteriormente aconteceram.

anunciavam o nascimento de uma nova religião terapêutica que está aos poucos espalhando as novas do novo homem cósmico e combatendo o anti-homem. Entretanto, todas essas realizações não se enganam quanto ao fracasso de concretizar o estabelecimento do Pai-Deus para todas as pessoas como uma ligação de união entre elas. Entretanto, o mundo está dividido, fragmentado, vagando sem esperança para a escuridão de um futuro incerto.

Como concretizar a imagem do Deus-Pai é a questão final. Uma forma de se expandir, se você tem apenas o pequeno corpo de um homem, é sendo o universo inteiro, é expandindo, tendo mais cérebro, mais olhos, mais ouvidos, mais braços, mais pernas, mais pulmões, mais coração. Outra forma, é introjetar tudo o que está no Universo, todas as pessoas, juntá-las, unificar o que está separado, homem e homem, homem e animal, homem e planta, homem e planetas e estrelas: a integração do mundo. Outra forma é manter o futuro do Universo dentro dos vínculos de seu poder, antes de as coisas se separarem de você e se desenvolverem fora de você. (...) O Deus-Pai é irresistível, ele tem uma força irresistível para incluir tudo em um só. É, portanto, difícil de moldar o Deus-Pai, a menos que ele desperte a cooperação de todas as outras partes da existência para ajudá-lo, desenvolvendo a capacidade de ouvir tudo o que acontece no mundo todo, para ver tudo, para sentir tudo, para compartilhar com todos a dor e a alegria, a esperança e a excitação de viver, para se tornar cada vez mais todo-compartilhante, todo-criativo, todo-envolvente. Então, verão você em todo lugar e o reconhecerão, você não é somente um homem ou um outro, mas o próprio Deus-Pai. Em nossa era, Deus não deveria estar apenas numa ou noutra igreja, mas em todos os meios que ligam as pessoas umas às outras, em todas as telas de TV, em

todos os barcos, em todos os aviões, em todos os sonhos. Se Ele não está, deveria estar. Ele deveria ser feito para ser. O final do mundo pode vir, mas não o fim do Deus-Pai, enquanto houver coisas para criar” (Moreno, 1997, p. 155-157).

Referências

- Aguiar, M. (Org.). (1990). *O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Almeida, W. C. (1988). *Formas do Encontro: Psicoterapia Aberta*. São Paulo: Ágora.
- Almeida, W. C. (1991). *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo: Ágora.
- Blackburn, S. (1997). *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Blainey, G. (2010). *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional.
- Blatner, A. & Blatner, A. (1996). *Uma visão global do psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Ágora.
- Brozek, J. & Massimi, M. (Orgs.). (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira*. São Paulo: Edições Loyola.
- Buber, M. (1966). *The Way of Man. According to the Teaching of Hassidism*. New Jersey: The Citadel Press.
- Calderoni, C. R. (2010). *Compatibilidades entre o psicodrama e a daseinsanalyse na prática psicoterapêutica*. Lins: Raízes Gráfica e Editora.
- Costa, R. P. (Org.). (2001). *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. S. (1980). *Psicodrama da Loucura – correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. (Aguiar, M., Trad.). São Paulo: Ágora.

- Gonçalves, C. S. (Org.). (1988). *Psicodrama com Crianças: uma psicoterapia possível*. São Paulo: Ágora.
- Goodwin, C. J. (2005). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Hobsbawm, E. J. (2009). *A Era dos Impérios – 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra. 12a. Edição.
- Holanda, A. F. (1996). Uma introdução à mística judaica: o Hassidismo. *Teologia e Cultura* (Brasília), 1 (2): 149-161.
- Holanda, A. F. (2005). *Elementos de Epistemologia em Gestalt-Terapia*. In: Holanda, A. F. & Faria, N. J. (Orgs.). *Gestalt-Terapia e Contemporaneidade* [pp. 23-55]. Campinas: Livro Pleno.
- Lukacs, J. (2006). *Uma Nova República: história dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marineau, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno, 1889-1974, pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. (1978). *J. L. Moreno: psicologia do encontro*. São Paulo: Duas Cidades.
- Mora, J. F. (2005). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Moreno, J. L. (1978). *Psicodrama. Volume I*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix (Original de 1946).
- Moreno, J. L. (1984). *O Teatro da Espontaneidade* (M. S. Mourão, Trad.). São Paulo: Summus (Original de 1923).
- Moreno, Z. T. (1992). Prefácio de Zerka T. Moreno para a edição brasileira. Em J. L. Moreno, *As palavras do pai* [pp. 07-08]. Campinas: PSY, 1992.
- Moreno, J. L. (1992). *As palavras do pai* (J. C. Landini & J. C. V. Gomes, Trad.). Campinas: PSY. (Original de 1920).

- Moreno, J. L. (1997). *J.L. Moreno: Autobiografia* (L. Cuschnir, Trad.). São Paulo: Saraiva (Original de 1989).
- Moreno, J. L. (2008). *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama: Edição do Estudante*. (M. Aguiar, Trad.) São Paulo: Daimon (Original de 1934).
- Motta, J.M.C. (2008). Da chegada à institucionalização do movimento (1946-1976). Em Julia Maria Casulari Motta (Org.). *Psicodrama Brasileiro. Histórias e memórias* [pp. 23-54]. São Paulo: Ágora.
- Naffah Neto, A. (1979). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Naffah Neto, A. (1980). *Psicodramatizar: ensaios*. São Paulo, Ágora.
- Nudel, B. W. (1994). *Moreno e o Hassidismo - Princípios e Fundamentos do Pensamento filosófico do Criador do Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Silva, E. L. & Menezes, E. M. (2001) *Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC. 3ª Ed.
- White, W. A. (1933). Prefácio. Em J. L. Moreno, *Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama: Edição do Estudante* [pp. 29-35]. São Paulo: Daimon, 2008.